

MFC
Movimento Familiar Cristão



71

fato
e razão

RECADO AOS LEITORES

Dentro do propósito de aproveitar as datas significativas para abordar o mesmo tema sob diversas óticas, destacamos nesta edição os artigos: FELIZ NATAL, de Frei Betto; UM OUTRO NATAL, É POSSÍVEL?, de Luiz A. Passos e OS TRÊS REIS, de Rubem Alves.

Na imprensa diária fomos buscar a contribuição feminina da consagrada Rosely Sayão, da Folha de São Paulo, abordando o tema FALTA DE CIVILIDADE, a sensibilidade de Déa Januzzi, do jornal Estado de Minas, outro ícone do jornalismo reflexivo, com a beleza de crônica TERRITÓRIO LIVRE e a constatação da dolorosa realidade captada pela conceituada educadora Neuza Tasca em seu texto O MENOR ABANDONADO...EM CASA.

Nossos habituais colaboradores Deonira Viganó e Jorge La Rosa; Hélio e Selma Amorim, Jorge Leão, Padre Arnaldo, Tânia e Tiquinho e Tiago Adão também garantem sua presença com oportunas reflexões.

Que nossos leitores obtenham o máximo proveito de tanto conteúdo, são os nossos votos

OS EDITORES

71

fato e razão

Movimento Familiar Cristão

www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional

José Newton e Ariadna Ribeiro
Alzenir e Nereida Lopes
Paulo Roberto e Palmira Ferrari
Adalberto e Sônia de Jesus
A. Anastácio e Claire de Souza
Mozart e Geralda Carvalho

Editoria e Redação

Hélio e Selma Amorim
João e Arlete Borges
José Maurício e Marly Jorge Guedes
Luiz Carlos e Rita Martins
Oscavo e Terezinha Campos
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Maria do Carmo Freitas Schmitz
Itamar David Bonfatti
Rua Barão de Santa Helena, 68
36020-520 Juiz de Fora-MG
E-mail: fatoeracao@gmail.com

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas

Livraria do MFC

Pedidos de Publicações MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68

36010-520 Juiz de Fora-MG

Telefax: (32)3218-4239

E-mail: livraria.mfc@gmail.com

CTP Pré-Flight e Impressão

DI Gráfica

Av. Rui Barbosa 440 galpão 7

36045-410 Juiz de Fora-MG

Tel.: (32)4009-1300

orcamento@digrafica.com.br

Circulação restrita sem fins comerciais

Sumário

Austeridade, 3 *Editorial*

A Juventude, 6 Gen. Douglas Mac Arthur

Bye, Bye, Tia Fifi, 7 Benjamin Steinbruch

Eita, Política!, 9 Edneuda Soares

Erotização Infantil, 11 Jorge La Rosa

Aquele que Cultiva a Terra, 14 Jorge Leão

Fato, Foto, Razão, 15

Limites, 17 Lúcia Ribeiro

Os Três Reis, 19 Rubem Alves

Pai Real X Pai Simbólico, 25 Deonira L. Viganó
La Rosa

Falta de Civilidade, 28 Rosely Sayão

Religião, Coisa Humana, 30 Tiago Adão Lara

Mais Um dia no Paraíso, 32

Socialismo em Debate (II): O Problema do
Totalitarismo, 33 Jung Mo Sung

Feliz Natal, 36 Frei Betto

Reminiscências, 39 Pe. Arnaldo Lima Dias

Território Livre, 40 Déa Januzzi

Um Jovem Cada Vez Mais Autônomo e Menos
Independente, 42 IHU - Unisinos

Não Fique Tão Sério, 48

O Menor Abandonado em Casa, 50 Neuza
Tasca

Um Outro Natal É Possível, 52 Luiz Augusto
Passos

Experiência, 56

Temário de Formação, 58 Secretariado de
Formação do CONDIR-Sudeste

Data desta edição: Dezembro de 2009

Audiovisuais em DVD

O MFC e o Instituto da Família – INFA oferecem programas em DVD.
Em cada DVD, vários programas de 15 minutos.

“Bate-papos” provocativos sobre questões que afetam a família e a sociedade. Para serem usados

- em reuniões de equipes e grupos do MFC
- em reuniões de pais e professores nas escolas
- em canais de televisão, rádios e TVs Comunitárias
- em encontros de noivos ou de casais
- em múltiplos outros eventos.

Para encomendar: Livraria MFC
Telefax: (32) 3218-4239 - e-mail: livraria.mfc@gmail.com

DVDs já disponíveis:



DVD 1

- “Drogas: dependência e recuperação”
- “Drogas: mitos e preconceitos”
- “Violência na família”
- “Família na escola”
- “Diálogo & diálogo”
- “Violência e insegurança”
- “Separações e divórcio”



DVD - 2

- “Drogas desafio para o educador”
- “Drogas: da negação à onipotência”
- “Criança agressivas”
- “Aprendizagem bloqueada”
- “Cuidar da voz”
- “Motricidade oral”
- “A família moderna”
- “Sexualidade”



DVD - 3

- “Violência urbana”
- “Insegurança e medo”
- “Idade e maturidade”
- “Ética – princípios que regem as relações humanas.”
- “Ética na política”
- “Auto-estima sem narcisismo”
- “Casamento rompido”
- “Relacionamento conjugal e familiar”
- “Identidade e auto-realização”

Editorial

AUSTERIDADE

Como todos sabemos, a maioria das famílias brasileiras vive uma austeridade forçada. Tentando nada mais que sobreviver biologicamente pela venda de sua atividade física a baixo preço, essas famílias não consomem sequer o mínimo essencial para o desenvolvimento físico e mental equilibrado dos seus membros.

Vivendo na condição de extrema pobreza ou miséria indigna, os que nascem estão condenados a reproduzir a pobreza pelos danos irreversíveis causados pela falta de alimentação adequada e efetiva assistência à saúde, pela exclusão social e condições precárias de vida desde o nascimento. Falar-lhes de austeridade seria de mau gosto. Mesmo assim, há quem repreenda os pobres por gastarem numa cerveja de sábado ou na compra de alguma bugiganga inútil os parcos reais que, na ótica das nossas simpáticas elites, deveriam ser aplicados, por exemplo, em mais comida e higiene... Com essa apreciação crítica, sentem-se aliviadas. Afinal essa gente é pobre porque esbanja seu dinheirinho em coisas supérfluas em vez de comprar mais feijão.

Se nos transferimos para as famílias das classes médias, entretanto, vamos nos deparar com a farra consumista dos que têm trabalho, renda ou emprego seguro, e uma austeridade contrafeita dos que perderam o emprego ou o poder aquisitivo em consequência da crise financeira mundial.

Em ambos os casos, é forte o desejo de consumir, insuflado pela propaganda inteligente e sofisticada que associa à felicidade o consumo de bens atraentes de utilidade duvidosa.

Então os que podem, compram tudo o que se anuncia prometendo mais conforto e prazer. Comprar e possuir passa a ser um definidor de status social. A competição se estabelece. O espírito de imitação atua. a insensibilidade social e ecológica colabora. O amigo que compra para o filho uma engenhoca nova anunciada nas cores da TV passa a ser uma indução forte para que eu faça o mesmo por pressão desesperada do meu filho. Ele se julgará o mais infeliz dos infantes

ou adolescentes mortais se não ganhar aquele brinquedinho idiota ou o joguinho estúpido de computador que lhe ensinará como atropelar velhinhos e mulheres grávidas para ganhar mais pontos.

Na mesa, o tradicional café com leite com pão e manteiga e o velho queijinho mineiro deram lugar a uma parafernália de tipos de pães, caixas e embalagens plásticas coloridas de cereais, sucrilhos, variados aditivos achocolatados para o leite longa-vida com a promessa de fartura de saúde e energia para a gurizada, à base de dezenas de vitaminas e proteínas - sem as quais ninguém sobreviverá, dizem os rótulos. As embalagens sofisticadas, talheres, copos e toalhas descartáveis assustam: as latas de lixo ficam entulhadas, a cada dia, de "bens da natureza e frutos do trabalho do homem" que se descartam porque para isso foram feitos, em favor da simplificação do trabalho doméstico. A família mergulha, sem sentir, na sociedade do descartável e do desperdício criminoso, que destrói a natureza sem piedade. É claro que se os bens realmente úteis e confortos simplificadores da vida doméstica fossem acessíveis para todos e que a natureza não fosse depredada por esse consumo, bastaria o cuidado de não se chegar à dependência desumanizadora

das famílias a esses múltiplos bens materiais. Acontece que não é assim. A maioria das famílias não tem acesso a esses bens de consumo e a predação da natureza é cada vez mais evidente e preocupante. Por outro lado, nas classes médias, a busca sôfrega pela posse de bens materiais, associada ao consumo obsessivo, se torna cada vez mais onerosa e exigente. É preciso trabalhar mais, fazer horas extras e "bicos" de fins de semana para ganhar mais e comprar mais. O tempo para o diálogo, para o lazer e a convivência familiar e social escasseia. Vive-se para trabalhar, comprar e consumir. Não há tempo para os filhos e para a contemplação da natureza. Define-se um padrão de vida arriscado. Qualquer abalo na situação econômica da família que afete esse nível de consumo a que se habituou gera uma insatisfação nervosa. Já não sabem mais viver sem aquela quantidade de confortos e bens que passaram de supérfluos a indispensáveis. O simples receio de que isto possa acontecer já afeta a tranquilidade da família. É claro que um elevado padrão de vida escraviza e estressa. A austeridade, ao contrário, é libertadora e gera mais tranquilidade. Se o padrão de consumo e conforto que adoto está abaixo do que meus rendimentos e capacidades pessoais me permitiriam, tenho

maior segurança de que em situações de crise me será possível encontrar saídas para manter esse estilo de vida mais austero que adotamos.

Mais ainda e, principalmente, um padrão austero de vida gera uma capacidade maior de a família partilhar seus bens com os que nada têm. Os consumistas desvairados nunca têm como repartir. Estão sempre endividados nos seus variados cartões de créditos e cheques especiais para manter o seu arriscado padrão de consumo.

Como neutralizar ou pelo menos atenuar a indução ao consumismo desvairado nas famílias das classes médias?

Parece-nos que somente se pode enfrentar essa onda consumista avassaladora pela sensibilidade social cultivada desde cedo, com a consequente valorização da austeridade como opção de vida com mais liberdade, tranquilidade e felicidade, entendida como expressão simbólica e ao mesmo tempo efetiva de solidariedade com os pobres. Austeridade que potencializa a capacidade de partilha de bens com quem não os tem.

Essa sensibilidade se constrói. Parte do contato habitual, físico, sensorial, com famílias pobres. Manter relações estreitas com

famílias em situação de pobreza é essencial para se ver o mundo por sua ótica. Se desde criança os filhos são envolvidos nessa convivência com os deserdados e excluídos da sociedade, vão compreender, pouco a pouco, que o consumismo é absurdo, que o desperdício é uma agressão aos que vivem das migalhas dos ricos.

Sem esse envolvimento educativo e conscientizador, formam-se famílias burguesas que se isolam do mundo real em belos condomínios protegidos por grades e porteiros, mergulhados no consumismo desvairado, desenvolvendo as neuroses próprias desse modelo de família, que se manifestam na alienação e fuga da realidade e, nos casos extremos, no crescente uso de drogas, na multiplicação de gangues de jovens e adolescentes, até a opção pela criminalidade para alimentar a obsessão consumista, como o confessam tantos jovens delinquentes.

Vale resumir, insistindo: a austeridade é sem dúvida libertadora, base para a felicidade e expressão de solidariedade social.

***Hélio e Selma Amorim,
Diretores do Instituto da Família,
Membros do Movimento Familiar
Cristão.***



A JUVENTUDE

A juventude não é um período da vida; é um estado de espírito, efeito da vontade, qualidade, imaginação, intensidade emotiva, vitória da coragem sobre a timidez, do gosto pela aventura. Ninguém envelhece por ter vivido certo número de anos, mas por ter abandonado o ideal. Os anos enrugam a pele; renunciar ao ideal enrugam a alma. Somos tão novos quanto a nossa fé; tão velhos quanto a nossa dúvida. Tão novos quanto a confiança que tivermos em nós mesmos; tão velhos quanto for grande o nosso desânimo. Seremos jovens, enquanto formos receptivos ao que é belo, bom e grande; receptivos à mensagem da natureza, do homem, do infinito. Se algum dia o nosso coração for mordido pelo pessimismo ou corroído pelo cinismo, que Deus tenha piedade de nossas almas de velhos!

As forças da alma bem utilizadas podem prestar-nos relevantes serviços para o prolongamento da vida e da juventude. É a sugestão mal aplicada que a encurta. Chegando a certa idade, intoxicamo-nos com a idéia de um fim próximo; perdemos a fé em nossas forças. E estas abandonam-nos. Então a velhice precoce assalta-nos e sucumbimos sob a auto-sugestão prejudicial. Ora tratemos de viver da auto-sugestão, em vez de por ela morrer. Tenhamos diante dos olhos os numerosos exemplos que existem, de longevidade sadia, robusta. Não nos detenhamos nas doenças de nossos órgãos...mas habituemo-nos a ter confiança em nossas forças físicas e intelectuais, na memória, na aptidão para a conversa e o trabalho...E aprendamos a sorrir para encontrar na vida aquele ângulo de alegria que toda dor contém.

Gen. Douglas Mac Arthur

Bye Bye, Tia Fifi

*Benjamin Steinbruch**

SOFIA, amiga de tia Tuna, é um barato. Tem 80 anos, completados no mês passado, foi professora de português, é fluente em francês e em inglês desde os tempos do colégio, mas não tolera o que chama de "intromissões exageradas" da língua de Shakespeare no palavreado do nosso dia a dia.

Há tempos tia Fifi, como é conhecida, insiste em pedir que eu escreva um artigo para sugerir "mais discernimento" no uso de termos em inglês. Sempre resisti, até porque, confesso, também me pego às vezes construindo frases com neologismos pouco recomendáveis, oriundos de palavras em inglês. Dias atrás, Sofia estava possessa. Havia feito compras em um shopping center de São Paulo e irritara-se com o



excesso de placas de "sale" nas lojas. Discutiu longamente com Tuna que tentou, sem sucesso argumentar que "sale" é uma palavra muito mais curta do que "liquidação" e perfeitamente compreensível para todo mundo que costuma freqüentar shoppings.

Para me convencer a escrever sobre o tema, tia Fifi juntou vários recortes de anúncios em jornais e revistas. Uma fábrica de câmeras de vídeo alardeava a possibilidade de gravar sem fazer "backup". Uma montadora proclamava seu carro com câmbio "tiptronic system" e "bluetooth", além de design agressivo. Um anúncio de "notebook" vendia a vantagem de rodar filmes "blu-ray" Um fabricante oferecia sua

TV ultra "slim" e "ecofriendly". E até uma churrascaria se intitulava "brazilian steakhouse".

O que mais irritou a amiga de tia Tuna, porém, foi uma empresa anunciar que faz "outsourcing" de folha de pagamento, porque tia Fifi teve de ir ao dicionário para descobrir que o anunciante poderia ter escrito "terceirização".

Enquanto manuseava os recortes, Sofia se lembrou de que uma sobrinha, de 55 anos, estava toda animada com o "personal trainer" que contratara havia dois meses. Ela não consegue entender por que essa figura não pode ser chamada simplesmente de "treinador pessoal". Tia Tuna morre de rir com a irritação da amiga e, para provocá-la, diz ter lido em uma revista que agora existem também o "personal stylist", o "personal sommelier" e até o "personal art advisor".

Tia Fifi se incomoda muito também com os neologismos criados a partir de palavras em inglês. Entre os recortes, ela carrega um artigo de um economista que, a certa altura, diz que uma empresa não "performou", palavra que não existe em português e decorre certamente do verbo "to perform" (desempenhar).

Da boca de um ministro,

Sofia jura ter ouvido na TV a frase "a empresa bidou". Ela custou a entender o que o ministro pretendia dizer, mas depois descobriu que a palavra derivava de "bid", que significa oferta ou lance em licitação.

Apesar da irritação com que trata desse tema, Sofia se considera flexível. Aceita o uso de uma série de palavras estrangeiras já incorporadas ao linguajar comum. Acha, por exemplo, esnobe quando algumas pessoas usam a palavra "sítio" no lugar de "site" ou "rede mundial" em vez de "internet". Argumenta que "site" é mais apropriado, porque "sítio", no Brasil, tem um significado muito particular, de pequena propriedade rural, embora em Portugal se use a palavra comumente com o sentido de "lugar". "Sítio que conheço é o do pica-pau amarelo", diz, voltando ao bom humor.

Tia Fifi, fiz o possível.
Tá aí o artigo. Bye-bye!

***Empresário, é diretor-presidente da Companhia Siderúrgica Nacional, presidente do conselho de administração da empresa e primeiro vice-presidente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo). bvictoria@psi.com.br . Publicado na Folha de São Paulo de 29.09.09.**

Edneuda Soares *

Eita, Política!

Agora e sempre

quero conhecer nosso modo de viver. Falo, realizo ações e escrevo para que possa aprender mais e mais e ser também protagonista da nossa história de gente organizada que realmente deseja o bem comum.

A sociedade elege seus governantes. O povo escolhe os seus representantes. O interesse comum é defendido por políticos. Mas, hoje é tempo ainda de ver e reverter um quadro inaceitável: as pessoas que escolhem seus governantes nem sabem, na maioria dos casos, o que este vai realmente fazer quando eleito. Simplesmente acham que os governantes devem estar no governo para cumprir promessas.

Creio que o grande problema esteja na ignorância política. Temos médicos, pedreiros, donas de casa, empresários, professores, eletricitistas, programadores, artistas, carpinteiros, bombeiros, estudantes e tantos outros segmentos da sociedade que ainda não se dão conta que são seres

políticos. O tema política só é aceito quando é hora de votar. Sei que parece redundante, mas é fato. Como reverter a situação? A quem interessa deixar tudo como está?

A solução é acender as luzes! O que faz um senador? E que educação os maus políticos tiveram? Cadê os valores? Ah sim, na TV!? Está nos livros didáticos que agora tem reforma ortográfica e nada falam sobre política, não na íntegra, desde a câmara dos vereadores até o Planalto e outros tantos assuntos que interessam de verdade.

Precisamos saber o que está por trás da faixa de presidente ou de outros cargos importantes. Estes, por vezes, parecem castrar ideais de verdadeiras mudanças e amordaçar vários partidos e políticos. Qual é o medo? De levar o País a um caos? Nossas vidas podem ser abaladas pela desordem econômica? Mais fome, violência, retrocesso, doenças e tantas outras desgraças? É isso? Na figura de alguns políticos vejo chantagistas dentro de ternos e suas gravatas engomadinhas se

passando por políticos sérios. Como isso foi acontecer?. Mas seria ruim para a política nacional punir severamente quem fez pouco da nação! Então leve um abraço fraterno do nosso presidente.

Minha inquietação não quer respostas, mas questionamentos feitos por todas/os que formam a sociedade. Grito para que eu também acorde e não dê de cara com um país ou um mundo estagnado e boquiaberto com a realidade de desigualdade e violência que, por mais silenciosos que pareçam, são de proporções gigantescas e inaceitáveis para quem quer o bem, a "vida boa" para todas/os!

Tenho clara visão que a verdadeira crise que hoje vivemos é a de valores.

Somos pessoas que fazem a política que aí está e a economia nossa de cada dia. Todo dia sinto que uma força invisível grita ao meu ouvido dizendo que eu nada posso fazer. Que outros em quem acredito não querem o mesmo que eu. E que a luta sempre será vã, umas passeatas, gritos, grupinhos e boa vontade é o máximo que posso realizar. Mas, outras forças, com gritos maiores e claros afirmam que toda e

qualquer ação é transformadora se for verdadeira.

Se os que se sentem incapazes de transformar o Mundo em que vivem despertassem, veriam a força que têm. O poder de mudança não é medida em escala de nível social, posse de bens... É a consciência que conta.

Se me envergonho dos políticos, empresárias/os e todas/os que se corrompem por dinheiro, então vou à luta. Quero justiça. Quero educação para todas, educação de verdade, dentro e fora das escolas. Quero ter serviços públicos de qualidade, na área da saúde, educação, previdência e infraestrutura... E quero ainda ver sentido em empregar meu voto e fazer valer minha condição de cidadã brasileira. Será que é querer demais? Nós que queremos respeito aos nossos direitos temos muito o quê fazer. Cada um tem seu jeito de contribuir. E você?

"Preferir a derrota prévia à dúvida da vitória é desperdiçar a oportunidade de merecer".
Luís Fernando Veríssimo.

**** Estudante de economia UFC e militante ambientalista. Publicado no boletim eletrônico ADITAL.***

É impressionante

a erotização do mundo infantil. E é uma pena, porque cada fase da vida tem seus encantos, suas tarefas e seus desafios. A infância é o momento do lúdico, da descoberta do mundo, do sonho, do aconchego do lar, da iniciação escolar. E em meio a toda essa atmosfera, os adultos como indivíduos e a sociedade como um todo destroem o sonho e violam a infância introduzindo, fora de tempo, o erótico em tão tenras existências! Violência escancarada, estupro do desenvolvimento infantil!

Erotização

Adultos e sociedade

É preciso reconhecer a responsabilidade dos adultos e da sociedade. Quantas mães pintam precocemente os lábios de suas filhas de seis, sete anos, quando não antes, e as vestem de modo sensual para serem admiradas e cobiçadas? Além de levá-las aos institutos de beleza para pintar unhas, cabelo e até para se maquiar? E os pais que induzem também precocemente seus filhos a serem conquistadores e ganhões? E as festinhas de

aniversário quando são feitas em ambientes que imitam as boates, com pouca luz e incitando a proximidade física e o toque sensual?

Nesse sentido, outro dia uma mãe se dirigiu pressurosa à escola em que sua filha de seis anos estudava para mostrar o bilhete que tinha encontrado na roupa dela, enviado por um coleguinha da mesma idade: "Cláudia, eu te amo. Você quer transar comigo? Ass.: Pedro."

INFANTIL

Jorge La Rosa*

As mídias

As mídias, especialmente a televisão, vendem sexo explícito ou quase explícito em horários que nossas crianças estão sentadas diante do aparelho sorvendo as imagens-estímulo para a atividade sexual. Mostrar sexo aumenta a audiência, objetivo dos meios de comunicação, ainda que isso inocule, fora de tempo, o interesse pelo sexo em vidas incipientes que têm outras tarefas prioritárias para essa época de desenvolvimento, e

Lanço o meu destino para o mais profundo da terra de mim mesmo. Sei que o doméstico segredo que me reconstitui por dentro é insuficiente para a cura da luta entre os contrários da alma que carregamos no drama da vida. A trágica imagem da seca na terra, onde uma perpétua solidão invade o tempo da última lembrança de paz que restou no sonho das horas de perda, agora recebe os louvores das piores tonalidades e emoção desmedida, que podem adoecer mais ainda a perda insensatez que devora os restos escassos do fígado que nos alimenta as idéias.

É nesta direção que resgatamos o agricultor perdido no abuso das passagens dissonantes pela tangente do bom senso. Perdido nos destaques confusos de onde partimos para nutrir o espírito na semeadura da entrega. Não recordo o rebaixamento ou a estupidez de meus propósitos, apenas suplico devida abertura à dor encarnada que se depara como valor simbólico de um plantio a ser colhido no tempo dos últimos episódios da semente que deve morrer. na graça que percorre a terra e mantém de pé o agricultor entregue ao cultivo, surge o pão arado no momento oportuno, que era trigo passado, agora fruto colhido.

Intenso é o ritmo da janela que se abre ao dia que nasce diante da terra esperando o arado.

AQUELE QUE *Jorge Leão** CULTIVA A TERRA...

No calor escaldante do sol que queima, estremece o curso das águas que chegam para irrigar o lugar propício da semeadura. Corre o rio para o mar, e a terra da alma encanta-se de não bastar-se a si mesma a cada amanhecer. Por gerar a religião que nos eleva a terra, serenos conduzimos a pétala de rosa para mais um sopro de vento que passa.

As mãos do agricultor abraçam a serenidade da alma, no beijo demorado da declaração de amor aos sinais de tempestade que chega logo cedo, na candura das manhãs.

**Professor de Filosofia do
CEFET-MA*



FOTO

Deixamos de publicar a foto pelas razões abaixo explicitadas.

FATO

Um jornal da grande circulação de São Paulo publicou em sua primeira página a foto de um homem assassinado e "desovado" num carrinho de supermercado.

Alguns leitores manifestaram sua repugnância, considerando que o jornal adotou uma prática condenável de imprensa sensacionalista.

RAZÕES

Em apoio aos leitores que se manifestaram e a todos que desejam uma imprensa de elevado nível, divulgamos o fato, poupando nossos leitores do desprazer de verem uma foto tão chocante.

Outra razão que nos moveu foi a de provocar uma reflexão sobre o respeito devido ao corpo humano, mesmo daqueles que têm ou tiveram uma história de vida pouco apreciável.

Já imaginou o que aconteceria se tratássemos a nossa Bíblia do jeito que tratamos o nosso celular?
 E se sempre carregássemos a nossa Bíblia no bolso ou na bolsa?
 E se dêssemos uma olhada nela várias vezes ao dia?
 E se voltássemos para apanhá-la quando a esquecemos em casa, no escritório...?
 E se a usássemos para enviar mensagens aos nossos amigos?
 E se a tratássemos como se não pudéssemos viver sem ela?
 E se a dêssemos de presente às crianças e às pessoas que amamos?
 E se a usássemos quando viajamos?
 E se lançássemos mão dela em caso de emergência?
 Mais uma coisa:
 Ao contrário do celular, a Bíblia não fica sem sinal.
 Ela 'pega' em qualquer lugar.
 Não é preciso se preocupar com a falta de crédito porque Jesus já pagou a conta e os créditos não têm fim.
 E o melhor de tudo: não cai a ligação e a carga da bateria é para toda a vida.

'Buscai ao Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto!' (Is 55:6)

Cada família do MFC - uma assinatura por ano!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias:
VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO, UMA ASSINATURA DE

fato e razão

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC
 Assinatura anual: R\$30,00 (Trinta reais)(4 números)

Preço para o ano 2009

Distribuidora MFC de Fato e Razão

Rua Barão de Santa Helena, 68 - Juiz de Fora-MG - cep 36010-520

Tel./Fax (32) 3218-4239

E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Vivenciar os limites

faz parte do aprendizado humano. O processo pode se dar progressivamente ou radicalizar-se de repente, quando sucede o imprevisto. Foi o meu caso: um tombo, traumatismo craniano e a visão dupla, que já dura semanas... Uma experiência assim coloca múltiplos desafios.

O primeiro deles é reconhecer-se na nova condição. A aceitação do fato objetivo se impõe inexoravelmente, mas a liberdade interior permite escolher alternativas: revolta, inconformismo, submissão passiva ou aceitação consciente; e tal escolha precisa ser (re) conquistada a cada dia...

Junto, surge o dilema: acomodar-se ou garantir a (possível) autonomia? Esta parece esfumar-se: o choque, a dor, o hospital, o inevitável tubo de soro, tudo conspira para imobilizar qualquer um... Paradoxalmente, nesse

primeiro momento, há também uma dimensão de alívio: nos vemos "absolvidos" de qualquer responsabilidade; isto significa uma trégua bem-vinda, que nos devolve a nós mesmas, permitindo dedicarmos exclusivamente ao cuidado do próprio corpo. Hélas! Tal tarefa imediatamente se amplia: multiplicam-se as terapias, os exames, as consultas médicas... Simultaneamente, nossa energia baixa espantosamente. A dependência se faz presente: entregar-se a ela ou tentar identificar graus de autonomia possível é um desafio permanente. Aqui, há uma regra básica: descobrir tudo o que se pode fazer por si mesmo/a e não abrir mão das próprias capacidades, ainda que mínimas.

Há que reconhecer, entretanto, que certas coisas já não podemos mesmo fazer. E, nestes casos, aceitar ser cuidadas ou - ainda mais complicado saber pedir o que

LIMITES

LIMITES

Lúcia Ribeiro*



LIMITES
LIMITES
LIMITES

LIMITES
LIMITES
LIMITES

LIMITES

LIMITES

se precisa é sempre difícil, sobretudo em situações de fragilidade, que trazem consigo uma hipersensibilidade: as exigências objetivas e subjetivas - se multiplicam e nem sempre as outras conseguem responder adequadamente. Nestes casos, a mágoa pode se infiltrar (nem tão) subrepticiamente. Aqui, é importante distinguir seus diversos tipos: se alguns são total ou parcialmente justificados, outros podem ser resultado de exigências excessivas não correspondidas. Talvez a melhor forma de lidar com esta realidade seja, sem negá-la diretamente, fazer um trabalho interior para minimizá-la. E não permitir que o coração se transforme em "um copo até aqui de mágoa..."

Finalmente, apresenta-se o desafio da solidão. É verdade que, em momentos de exaustão, esta pode até ser bem-vinda: tudo o que se quer é poder descansar ... Outras vezes, entretanto, há que conviver com a ausência indesejada. Saber encontrar-se consigo mesma, em paz, é também uma conquista. E uma oportunidade para crescer interiormente.

Para os que cultivam a espiritualidade, abrem-se possibilidades únicas. Mas não isentas de obstáculos: as carências e a falta de energia podem dificultar a capacidade de concentração. E aqui, o esforço e a disciplina - palavra que a gente odiava tanto! - são indispensáveis.

Aliás, não só nesta área: as menores decisões exigem força de vontade, já que, nestes tempos de obrigações externas reduzidas, somos nós mesmas

os principais responsáveis por todo o ritmo da vida. Aqui, há que combinar disciplina com flexibilidade. O suporte básico está em nossa força interior e - para os que creem - na Presença misteriosa que nos habita. Mas - felizmente! - há também outros apoios. A presença das pessoas queridas é fundamental. Para quem partilha a vida com um companheiro, seu cuidado constante e incansável é básico. No meu caso, isto foi um dom inestimável.

Junto, estão a família e os amigos. Cultivar, incentivar - e saber agradecer! - este carinho é imprescindível. A rede de energia que assim se cria fortalece a dimensão da cura.

Outro desafio é retomar, na medida das possibilidades, a vida "normal": para os que têm no trabalho profissional um eixo central da vida, reassumi-lo - mesmo que de forma inevitavelmente limitada - joga um papel central. E há ainda os contactos virtuais - a internet os livros, a música, os jogos.

Mas talvez o mais importante seja estar abertas a tudo de bom que vai acontecendo cada dia e que pode mudar - se não nossa condição objetiva pelo menos nosso astral para vivenciar os limites...

***Socióloga, escritora, membro do ISER Assessoria. Transcrito do Boletim Rede.**

Os Três Reis

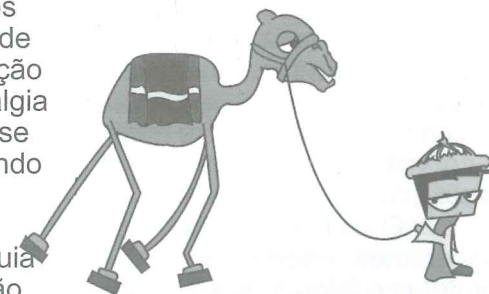
Rubem Alves*

Gaspar era rei de Markash, o país de mar azul e praias brancas. Nele moravam homens e mulheres de pele clara, cabelos negros e olhos castanhos. Aos seus portos chegavam navios de todo o mundo que vinham para vender suas mercadorias exóticas. O comércio acontecia em todos os lugares, nos mercados das grandes praças e nas pequenas lojas de uma porta só, em vielas estreitas. Gaspar, da torre do seu palácio, contemplava tudo. Como rei ele deveria sentir-se feliz: todos lhe eram agradecidos e todos o amavam. Mas, a despeito de tudo isso, havia no seu coração uma tristeza incurável, nostalgia que mais doía quando o sol se punha sobre o mar incendiando as águas.

Por mais que se esforçasse o rei não conseguia sorrir. Gaspar convocou então

os seus sábios e expôs-lhes o seu sofrimento. Os sábios lhe disseram que o remédio para a tristeza é o conhecimento. "A ciência é uma fonte de alegria", eles lhe disseram. O rei mandou então vir professores e cientistas de todo o mundo, importou livros, estabeleceu bibliotecas, montou laboratórios, construiu observatórios astronômicos. Por anos se dedicou à aprendizagem dos conhecimentos da ciência. Agora estava velho. Sabia tudo o que havia para ser sabido sobre o mundo. Mas a ciência não lhe trouxe alegria. Ele continuava sem saber sorrir.

Era madrugada. A luz do sol já iluminava o horizonte. O rei já estava desperto. Na varanda do seu palácio ele contemplava os céus estrelados. Foi então que, olhando para o oriente, ele viu uma nova estrela, estrela que não se encontrava nos mapas dos céus que conhecia. Era uma estrela diferente porque, ao contemplá-la, ele ouvia uma música de indescritível beleza que o fazia feliz. E ele sorriu pela primeira vez. Deslumbrado, mandou vir os



sábios que ainda dormiam, e mostrou-lhe a estrela. Mas os sábios, olhando na direção que o rei indicara, nem viram estrela e nem ouviram a música que ele dizia ouvir. Saíram, então, tristemente, convencidos de que o rei estava realmente velho. Os anos de senectude haviam chegado. Gaspar, indiferente à incredulidade dos sábios, ordenou que se preparasse um navio para uma grande viagem, na direção da estrela.

Balt-hazar era rei da Núbia, país montanhoso onde moravam homens e mulheres de pele negra e brilhante. As montanhas da Núbia eram cobertas de vegetação luxuriante, árvores gigantescas, frutas as mais variadas, onde viviam pássaros de todos os tipos. Por todos os lugares se viam riachos de água limpa, com remansos e cachoeiras. Era um país belo e fértil. Balt-hazar, da janela do seu palácio contemplava as montanhas e florestas que se perdiam de vista e pensava: "O Paraíso deve ter sido aqui..."

Entretanto, e a despeito da beleza e da fertilidade da terra, o rei não era feliz. Havia uma tristeza no seu coração, tristeza que ficava mais forte quando os pássaros cantavam seus cantos de final de tarde. O canto deles era belo e triste: o coração do rei era belo e triste...

O rei convocou os sacerdotes, videntes e profetas e falou-lhes sobre a

sua tristeza. "De que me vale a beleza do meu país se o meu coração está triste", ele perguntou. Os homens santos lhe disseram que a tristeza era sinal de que sua alma estava distante de Deus.



"Deus é uma fonte de alegria", eles lhe disseram. Balt-hazar, então, mandou vir de terras longínquas, místicos e teólogos que lhe ensinassem os caminhos para Deus. Contratou também arquitetos e artistas para construir novos templos. E comprou os livros sagrados de todas as tradições religiosas do mundo. Por anos a fio ele se dedicou às coisas sagradas: leu, meditou, orou... Por fim, chegaram os anos da velhice. Balt-hazar conhecia tudo o que os homens sabem sobre os caminhos que levam a Deus. Mas o seu coração continuava triste, mais triste ainda quando os pássaros cantavam ao entardecer...

Já era madrugada. Balt-hazar, como de costume, levantou-se para as orações. Ele orava olhando para os céus, morada dos deuses. Foi então que, olhando para o horizonte, no lugar do sol nascente, ele viu uma estrela que nunca havia visto. Ao redor dela havia um arco-íris. Mas o estranho é que, ao contemplá-la, ele ouvia uma música de enorme beleza, semelhante à beleza do canto dos pássaros ao entardecer. Só que, ao ouvi-la, seu coração não ficava triste. Ao contrário; era inundado por uma alegria que nunca experimentara.

O rei mandou chamar os sacerdotes, místicos e profetas. "Vejam aquela estrela", disse ele apontando para o horizonte. "E ouçam a música que sai dela!" Os homens de Deus olharam na direção indicada mas nem viram estrela e nem ouviram música. Deixaram então o rei embriagado de alegria e comentaram, baixinho, entre si: "Nosso rei enlouqueceu. Isso quer dizer que o fim da sua vida está chegando..." Balt-hazar, entretanto, mandou preparar cavalos para uma longa viagem, na direção da estrela.

Mélek-hor era rei de Lagash, o país dos desertos e das areias sem fim. Lá viviam mulheres de olhos amendoados e homens rudes de barba espessa. A sua alegria eram os oásis que pontilhavam as areias com o verde das palmeiras e o frescor das fontes. Foi num desses oásis

que Mélek-hor construiu o seu palácio com enormes blocos de pedra branca na forma de uma pirâmide. Pirâmides, como se sabe, são figuras mágicas que garantem a imortalidade.



A aridez e solidão da vida do deserto não o incomodavam. Na verdade, ele as considerava desafios para o corpo e para a alma. Mas havia uma coisa que o fazia sofrer: uma melancolia indefinível que sentia ao contemplar os horizontes ondulados de areia que o sol poente pintava de vermelho.

O rei convidou seus amigos para um jantar e lhes falou sobre a sua melancolia. E eles lhe disseram: "É compreensível. Nosso país é muito árido. O que lhe falta, ó rei, são os prazeres da vida. Os prazeres o farão sorrir." Mélek-hor então, importou

prazeres de todas as partes do mundo: vinhos, frutas, iguarias, músicos, artistas, mulheres lindas... Por anos ele se dedicou aos prazeres que há. Nisso ninguém o excedeu. Mas os prazeres não lhe trouxeram alegria. E ele, já velho, rezava em silêncio: "Não quero prazeres; quero alegria, quero alegria..."

A luz da madrugada anunciava que a noite chegava ao fim. O rei, do alto da sua pirâmide, tomava uma taça de vinho. Era hábito seu contemplar o sol nascente: isso sempre lhe dera prazer. Mas o prazer da beleza sempre lhe vinha misturado com tristeza. Mas, desta vez, não sentiu tristeza. Espantou-se ao perceber que estava alegre. E a alegria lhe vinha de uma nova estrela nunca vista que brilhava no céu. E - curioso! - ao contemplar a estrela ele ouvia uma melodia que o enchia de felicidade. Mélek-hor sorriu então pela primeira vez. Deslumbrado, mandou vir seus amigos. Apontou-lhes a estrela, falou-lhes sobre a música. Mas eles, olhando para os céus, não viram a estrela e nem ouviram a música. Amigos que eram, disseram ao rei: "Querido Mélek-hor, nosso rei amado: não há estrela, não há música. Tua mente já não percebe as coisas da terra. Ela navega nas águas do grande rio, na direção da terceira margem... Choramos porque sabemos que estás de partida..." E tristemente

se retiraram, entoando um silencioso *requiem*. Mas o rei, indiferente às palavras dos amigos, mandou preparar os camelos para uma viagem na direção da estrela...

Gaspar, navegava do norte, em seu navio, velas enfunadas por uma brisa fresca e constante. Balt-hazar, vinha do sul, em seu cavalo, por caminhos que cortavam matas verdejantes. Mélek-hor, vinha do oeste, em seu camelo, atravessando desertos com areias escaldantes.

Três reis, tão diferentes, tão distantes, nada sabendo um sobre os outros, numa viagem absurda, com que jamais haviam sonhado, na direção de uma estrela que só eles viam, e de uma música que só eles ouviam. Sim, com certeza haviam enlouquecido...

As brisas mansas que enfunavam as velas do navio de Gaspar repentinamente se transformaram numa horrenda tempestade com ventos furiosos. Seu navio, casca de noz, foi arremessado contra um rochedo e se despedaçou. Mas o mar se apiedou de Gaspar e um golfinho o levou, desacordado, para uma praia.

Recuperado do medo, agora só lhe restava continuar a pé a sua jornada.

Sem alternativas, o navegador se transformou em andarião.

Caminhou muito. E aconteceu que, depois de muito caminhar, ele chegou a uma encruzilhada. Era aí que se

cruzavam os quatro caminhos do mundo: o caminho que vinha do norte, o caminho que vinha do sul, o caminho que vinha do oeste e um quarto caminho... Olhando na direção do quarto caminho podia-se ver, no horizonte, a estrela que brilhava...

Havia ali, no meio da encruzilhada, uma estalagem chamada "Os quatro caminhos do mundo". Foi nela que os três reis se encontraram. À noite assentaram-se à volta de uma mesa para comer: pão, queijo, frutas secas, vinho. E começaram a falar. A contar suas histórias. À medida que cada um deles falava os outros se enchiam de espanto. Que absurda coincidência! Como era isso possível? Que sendo três desconhecidos, vindos de três cantos do mundo, as suas histórias fossem a mesma história. Eram iguais. Todos haviam sofrido a mesma nostalgia. Todos haviam visto a estrela que ninguém mais vira. Todos haviam ouvido a melodia que ninguém mais ouvira. Descobriram, então, que eram companheiros. Dali para frente viajariam juntos.

E assim foi. Por vários dias caminharam... Aconteceu então que, noite já chegada, chegaram a um minúsculo vilarejo. "Que vilarejo será esse?", perguntaram. Gravado numa pedra estava o seu nome: "Beth-léhem" "Estranho", disse o erudito Gaspar: "Aprendi tudo o que há para ser aprendido sobre reinos,

províncias, cidades e vilas. Mas nunca vi esse nome em qualquer um dos livros que li". Mélek-hor acendeu sua lâmpada de azeite e iluminou, com sua luz bruxoelante, o mapa que abrira sobre o chão. "Aqui está ela", ele disse marcando com o seu dedo um lugar no mapa. "Beth-léhem. Fica precisamente na divisa entre dois grandes reinos. À esquerda está o Reino da Fantasia. À direita está o Reino da Realidade. "Já li sobre esses dois reinos nos livros sagrados", disse Balt-hazar. São reinos perigosos. Aqueles que vivem no Reino da Fantasia ficam loucos. Aqueles que vivem no Reino da Realidade ficam loucos também, loucos de outra espécie. Somente se salvam da loucura aqueles que vivem na fronteira entre os dois reinos. Esses ficam sábios e se tornam artistas. Pois Beth-léhem está precisamente na divisa entre o Reino da Fantasia e o Reino da Realidade..."

No vilarejo todos dormiam. O ar estava perfumado com flores de jasmim e magnólia. E havia um brilho no ar - milhares, milhões de vagalumes pousados nas árvores. Ovelhas baliavam ao longe, enquanto o seu pastor tocava uma flauta... Era uma noite de paz. A estrela iluminava uma gruta. Os reis se aproximaram. Na gruta havia vacas, cavalos, burros, ovelhas. Era uma estrebaria. Mas, convivendo com os animais,

uma pequena família: um jovem e uma jovem que amamentava um nenezinho recém-nascido. Era só isso. Nada mais.

Perceberam, então, que haviam se enganado: não era a estrela que iluminava a cena. Era o nenezinho que iluminava a estrela. E olhando bem para ela puderam ver, nela refletido como num espelho, o rosto da criancinha. Aí entenderam, deixaram de ser reis e se transformaram em sábios: "O universo é um berço onde uma criança dorme!"

Notaram, então, que uma coisa estranha acontecia quando olhavam para o nenezinho: eles perdiam a sua compostura real e eram dominados por uma vontade incontável de rir. E quando riam, ficavam leves e começavam a flutuar. Era assim: quem visse o menino se transformava em anjo...

Os reis, em meio aos risos e vôos, olharam cada um para o outro e disseram: "Nossa busca chegou ao fim. Encontramos a alegria. Para se ter alegria é preciso voltar a ser criança..." Ato contínuo tomaram suas coroas, capas de veludo, dinheiro, ouro, jóias – pesadas coisas de adulto – e as depuseram no chão, ao lado das vacas e dos burros... Partiram leves, ora andando, ora pulando, ora voando, mas sempre rindo.

"Vou mudar de vida", disse Gaspar. "É horrível ter de estar estudando ciência o tempo todo. Vou me

transformar em poeta..."

"Eu também vou mudar de vida", disse Balt-hazar. "É horrível estar rezando o tempo todo. Vou ser palhaço. O riso é o início da oração".

Ao que Mélek-hor acrescentou: "E eu descobri o prazer supremo, que vem sempre acompanhado de alegria: brincar. Vou ser um fabricante de brinquedos. Quem brinca volta a ser criança. E quem volta a ser criança está de volta ao Paraíso."



E assim partiram, cada um por um caminho. E se você, nas suas andanças, se encontrar com um poeta, um palhaço ou um fabricante de brinquedos, pergunte se ele não tem notícias de uns três reis...

** Psicanalista e escritor.
Texto extraído do site A Casa
de Rubem Alves.*

Pai real X Pai simbólico

Deonira L. Viganó
La Rosa*

O poder dos pais

guia a criança a um destino mais alto.

Porém, quando este destino cresce, começa a luta entre a consciência em evolução e aquilo que é infantil, a influência dos pais passa, então, a ser reprimida e vai se aninhando no inconsciente. Mas não é eliminada.

Ao contrário, afirma Yung, a influência dos pais dirige, com fios invisíveis, as criações aparentemente independentes e individuais do espírito em amadurecimento.

A função simbólica do pai

Todo ser humano traz dentro de si, inato, um sentimento arraigado que o faz perceber a figura do pai como algo indescritível e maravilhoso, sentimento este que chega mesmo a ultrapassar a figura do pai real, como indivíduo, como pessoa, e atinge tudo aquilo que "simboliza" o pai. Esta "função simbólica" do pai pode até vir a concretizar-se em outro homem, que não o pai biológico, ou até em uma mulher, em sua parte masculina, sua parte "pai", que a cultura atual começa a introjetar e a fortalecer. A função simbólica paterna é que envolve a colocação de limites.

Aquele "pai simbólico", aquele "ideal" de pai – vamos dizer simplesmente assim – se traduz, se torna concreto, na interação do filho com o pai real, biológico, ou seus representantes, e contribui para a estruturação do psiquismo da criança, abrindo novos horizontes e possibilidades de desenvolvimento.

A presença e atuação do pai favorecem a conquista da autonomia psíquica e, conseqüentemente, a formação do sujeito, mas o pai atua, sobretudo, através do exemplo. Desde que a criança percebe o pai e a lei como sinônimos, a conduta paterna, ou dos adultos significativos, passa a ser modeladora e normativa, vindo a ser apreendida e internalizada com peso semelhante ao da lei.

Assim como o dinamismo matriarcal responde pela intimidade, assim o dinamismo patriarcal impõe a lei, a noção de dever e de cumprimento de tarefas, a organização, a coerência lógica. Não por acaso, crianças e adolescentes infratores, em várias pesquisas, informam "não ter pai".

"É o pai que determina em que bases, até que ponto, dentro de que limites, com que regras, com que qualidade de aproximação e afastamento, com que métodos, regularidade, finalidades, responsabilidades e objetivos as diversas relações do filho com o mundo, consigo mesmo e com o outro, irão acontecer. O pai interrompe o que até então era "natural" para instalar o escolhido, o proposital, o consciente" (Amauri M. Cardoso).

A ausência do pai real, importa?

Embora eu tenha descrito tanta coisa que é promovida pelo pai simbólico e não pelo pai físico/pessoal, no caso da ausência deste, ou das figuras necessárias para ativar aquele sentido de pai que a criança tem no seu inconsciente, o filho pode permanecer numa relação diluída e indiscriminada com o mundo.

E não só a ausência do pai, mas também a presença disfuncional de figuras paternas reais ou representativas contribui para o desenvolvimento de caminhos distorcidos, que não ativam plenamente a personalidade do filho.

A internalização de uma imagem paterna distante, rejeitadora ou ameaçadora, pode levar os filhos a se tornarem vulneráveis a sentimentos de incompetência e de fracasso.

Os pais são chamados à humildade

No desempenho da tarefa paterna, os pais devem estar cientes de que jamais corresponderão integralmente à grandiosidade das expectativas

e ao peso da imagem idealizada que sobre eles projetam os filhos.

Resta um consolo para as famílias cujo pai real está ausente: é possível que o pai simbólico, traduzido por outra figura forte, até mesmo pela mãe, represente tudo o que o filho idealiza como "pai". Mas, atenção, também é possível que aquele filho que tem a presença de um pai real, físico, tenha a maior decepção em relação à idealização inconsciente que ele tem da figura paterna.

Um caso concreto para ilustrar este texto

Acompanho uma criança que foi concebida numa relação da mãe com o pai no cárcere. Apesar de muito desejar conhecer o pai real, a

mãe não lhe satisfaz o desejo, estando ele já com nove anos. Aconteceu que, por estes dias o pai foi solto, e o menino, excitado, achou que agora se encontraria com a figura concreta que encarnava aquele "símbolo paterno", forte em seu inconsciente. Mas, lástima, ao sair da prisão o pai participou de um assalto e foi morto. Não posso traduzir em palavras o quanto este menino ficou transtornado e passou a ter um comportamento violento com os outros, imaginando que, em tudo, ofendiam a figura de seu pai, morto. Eis aí o que quero dizer como "pai simbólico", pois este menino nunca conheceu um pai real.

**Terapeuta de Casal e de Família. Mestre em Psicologia. Diretora (voluntária) de uma Casa de crianças em situação de risco.*

Questões para reflexão:

1. Procurem se lembrar de outras situações concretas relacionadas com o texto.
2. Numa conjuntura em que ocorrem tantos desenlaces conjugais, será que os familiares, principalmente os avós, poderiam suprir, ou pelo menos minimizar, as ausências dos pais?

-Deus, quem és tu? Por que te calas diante das loucuras de alguns religiosos e não abrandas o mar de dúvidas dos céticos? Por que disfarça teus movimentos atrás das leis da física e escondes a tua assinatura nos eventos que ocorrem ao acaso? Teu silêncio me inquieta!

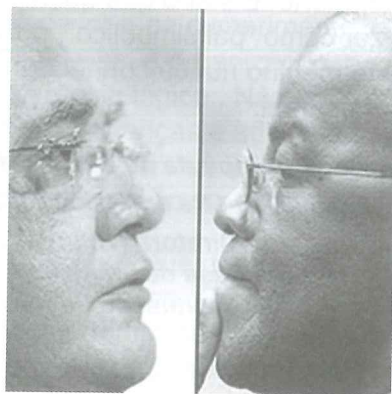
Augusto Cury em o Vendedor de Sonhos

Civilidade

Falta de

Rosely Sayão*

Sofremos de um mal na atualidade: a incivilidade. A toda hora, somos obrigados a testemunhar cenas de grosseria entre as pessoas, de falta de respeito pelo espaço que usamos e de absoluta carência de cortesia nas relações interpessoais.



Os adultos perderam a vergonha de ofender publicamente e em alto e bom som, de transgredir as normas da vida comum por quaisquer razões. Parece mesmo que nossa vida segue um lema: cada um por si e, ao mesmo tempo, contra todos.

Por isso, perdemos totalmente a sensibilidade pelo direito do outro: cada um de nós procura, desesperadamente,

seus direitos, sua felicidade, seu poder de consumo, seu prazer, sem reconhecer o outro. E, claro, isso gera intolerância, discriminação, ameaça. O pacto social parece ter sido rompido e não tomamos nenhuma medida para reverter esse processo.

As mídias, por exemplo, comentam cenas de incivilidade ocorrida entre pessoas que ocupam posição de destaque. Virou moda e ganhou visibilidade dizer tudo o que se pensa, agredir para se defender, fazer pouco do outro. Pessoas que ocupam cargos de chefia expressam seu descontentamento com seus funcionários aos berros e assim por diante.

Ao mesmo tempo, crescem entre os mais novos problemas como falta de limites, indisciplina e falta de respeito pelo outro. O fenômeno conhecido por, "bullying" - intimidação física ou psicológica - assusta crianças e adolescentes e preocupa pais e professores. Nas escolas do mundo todo, o clima é de "falta de respeito" generalizado, mesmo que essa expressão seja usada de modo impreciso.

Mas o fato é que as crianças e os adolescentes praticam o conceito de cidadania do qual se apropriaram pela observação do mundo adulto.

Em uma conversa com crianças que frequentam o ensino fundamental, ouvi relatos que me deixaram muito pensativa. Um garoto disse que achava que os alunos maiores intimidavam os menores porque a escola e os pais ensinam que se deve respeitar os mais velhos.



Veja você: o conceito de mais velho deixou de significar adulto ou velho e passou a ser usado como de mais idade. Assim, revelou o garoto, uma criança de um ou dois anos a mais que a outra se - considera um "mais velho" e, assim, pode explorar os de menos idade.

Podemos ampliar esse conceito apreendido pelas crianças e, além da idade, pensar em poder, por exemplo. Isso nos faz pensar que o "bullying"

ocorre principalmente, mas não apenas, porque crianças e adolescentes desenvolvem relações assimétricas entre eles, por causa da idade, do tamanho, da força e do poder.

Talvez seja em casa e na escola que pais e professores possam e devam repensar e reinventar o conceito de cidadania. Mas também temos nós, os adultos, o dever de adotar boas maneiras na convivência social. Afinal, praticar boas maneiras e ensinar aos mais novos o mesmo nada mais é do que reconhecer o outro e buscar formas de boa convivência com ele. Disso depende a sobrevivência da vida social porque somos todos interdependentes.



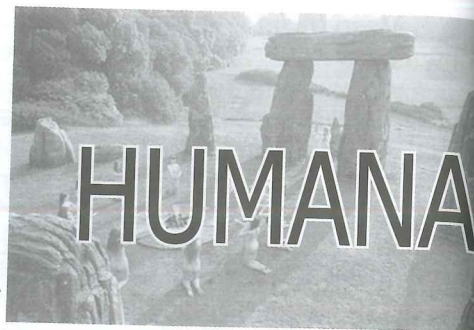
**Psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" Ed. Publifolha
rosely.sayao@grupofolha.com.br;
blogdaroselysayao.blog.uol.com.br
Transcrito do Caderno Equilíbrio da
Folha de São Paulo de 09.07.09*

Para refletir:

1. Cite algum caso de incivilidade vivenciado por você.
2. Discuta as prováveis causas da incivilidade.

Religião, coisa

Tiago Adão Lara*



Não se pode, hoje, pensar seriamente a religião, sem inseri-la no terreno de onde ela brota experimentalmente: a dinâmica da vida humana. Não consta que as plantas e os animais sejam religiosos. Nem me parece que algum teólogo já tenha se lembrado de dizer que Deus é religioso. A religião é coisa humana, brota de uma exigência humana.

A maneira mítica de falar do homem e do seu mundo contém uma sabedoria que, às vezes, não se encontra em formas mais sofisticadas do conhecimento como são a teologia, a filosofia e as ciências. É bom, pois, voltarmos, de quando em vez, à maneira de pensar, cheia de imagens e emoções, para aí nos encantarmos.

Também na tradição judaico-cristã não existem mitos à maneira dos mitos pagãos. Mas existe uma reflexão religiosa, expressa de forma imaginosa e emotiva, sobre as origens: as origens do cosmos, do homem, dos povos; enfim, do universo; em especial da terra, colocada no centro; e do

homem seu principal habitante.

No fragmento de Gn 2,4b a Gn 3,24, que denominamos história da criação da humanidade: homem mulher; história do paraíso terrestre, do pecado de Adão e Eva, da expulsão do paraíso, nos chama atenção a maneira como o homem é pensado, melhor, desenhado. É um desenho lindo e atualíssimo. Isso, se não reduzirmos essas páginas a um conto da carochinha, mas a considerarmos como um convite à reflexão.

O Senhor Deus cria o homem do barro da terra, animado (anima=vida) pelo sopro (espírito) dele, o Senhor Deus. Dá-lhe uma companheira, originada misteriosamente, como num belo sonho de profunda relação: "osso dos ossos, carne da carne". Coloca homem e mulher num mundo de delícias, para dele cuidarem. Vem toda tarde conversar amigavelmente com eles.

O homem é resultado de relações profundas e constitutivas: com a terra, com Deus, com o outro de si: a companheira humana. Sua

percepção de si é, portanto, a de um fragmento em uma totalidade misteriosa e muito maior do que ele; Deus é o sopro que dinamiza e unifica. Viver nessa e dessa totalidade, é estar sob o sopro de Deus, é participar de relações saudáveis que dão consistência ao ser humano. Por isso, o homem se sente bem. Não tem medo da sua fragilidade. Sente-se vestido, rico, feliz. O paraíso terrestre é a situação de sentir-se nessa rede, nessa teia de relações, de nela encontrar sua consistência, sua própria identidade.

Quando o homem é tentado e cede à tentação, nega-se a esse relacionar-se oníabrangente, para erigir-se como dono absoluto de si e de todas as situações: "sereis como deuses". Então, percebe toda a sua nudez e o seu vazio. Rompem-se todas as relações: tem medo de Deus: esconde-se; acusa a mulher; sente que a função de pai e mãe torna-se onerosa. Desligou-se da totalidade. Tornou-se irreligioso. A morte é a perspectiva.

A religião, etimologicamente explicada como re-ligar-se, é apresentada na página bíblica como elemento básico, fundamental, colocado na raiz dessa existência. Ou o homem é religioso, mantém-se na atitude do cuidado com as relações que tecem o seu ser, e se realiza, ou se descuida disso, corta as relações, passa a definir-se pela auto-referência e

seguem-se a nudez, a vergonha, o medo, a morte.

Essa página bíblica é muito mais veraz, rica e comprometedora, se lida na perspectiva do futuro, da utopia, da esperança; na perspectiva do presente como tarefa histórica. A humanidade sonha e acredita ser-lhe possível realizar o sonho de um mundo religioso, radicalmente religioso, porque as relações se estabelecem saudavelmente. Esse mundo, essa terra, então é paraíso. A história é uma liturgia agradável. E Deus é louvado, porque a terra e o homem são felizes.

Religião, portanto, é coisa terrena, humana, da história em construção. Religiosos são os seres humanos preocupados com as relações concretas: econômicas, políticas, simbólicas, que nos tornam a vida viável e que têm de ser cuidadosamente cuidadas, com perdão do pleonismo, para não se tornarem relação de opressão, medo, vergonha, nudez, morte. As muitas formas religiosas existentes e seus grupos e suas igrejas se não cuidarem disso são, no mínimo inúteis e, muitas vezes, terrivelmente prejudiciais. Concorrem. Alienam os seres humanos do compromisso com a terra e com a história.

Serão pelo contrário, bem-vindas, se ajudarem a realizar essa religião fundamental, essa liturgia substancial, que é a vida.

*Filósofo, professor, biblista do CEBI.

"Ela apela para o homem na rua
 "O senhor pode me ajudar?"
 "Está frio e não tenho onde dormir."
 "Há algum lugar que possa me dizer?"
 Ele segue adiante sem olhar para trás.
 Finge que não a ouviu.
 Assobia e atravessa a rua.
 Parece incomodado por estar ali.
 Oh! Pense duas vezes.
 É justo outro dia no paraíso
 Para mim e para você?
 Oh! Pense duas vezes.
 É justo outro dia no paraíso.
 Para mim e para você?
 Pense sobre isto, sim, pense sobre isto.
 Ele vê que ela está chorando.
 Ela tem bolhas na sola dos pés.
 Não pode caminhar, mas está tentando.
 Oh! Pense duas vezes.
 É justo outro dia no paraíso
 Para mim e para você?
 Oh! Pense duas vezes.
 É justo outro dia no paraíso?
 Oh! Senhor.
 Há algo que alguém possa fazer?
 Oh! Senhor.
 Você precisa dizer alguma coisa.
 Você pode falar sobre as marcas no seu rosto.
 Você pode falar que ela estava ali.
 É provável que se foi para outros lugares.
 Porque ela não se deu bem aqui.
 Oh! Sim. Pense duas vezes.
 É justo outro dia no paraíso
 Para mim e para você?
 Oh! Pense duas vezes.
 É justo outro dia no paraíso
 Para mim e para você?
 Oh! Pense sobre isto, sim, pense sobre isto.
 É justo outro dia no paraíso
 Para mim e para você?"



Fazendo coro com o profundo
 artigo da página 52, nada mais
 oportuno que refletir sobre
 a letra do clássico do rock
 "Another day in paradise" (Mais
 um dia no paraíso), composta e
 interpretada por Phil Collins, cujo
 questionamento já diz tudo que
 precisa ser dito.

Livre tradução de João Borges

MAIS
 UM
 DIA
 NO
 PARAÍSO(?)

Socialismo em debate (II): o problema do totalitarismo

Jung Mo Sung*



Em um artigo anterior
 (Socialismo em debate), eu
 escrevi que para podermos
 fazer críticas pertinentes ao
 sistema capitalista, propor outro
 tipo de sociedade e planejar
 as nossas ações estratégicas,
 precisamos discutir os
 acertos, limites e erros dos
 socialismos que conhecemos.
 Disse também que, apesar de
 que muitos não vêem muita
 diferença entre o capitalismo e
 socialismo, a não ser o papel
 da propriedade estatal no
 socialismo, eu penso que há
 uma diferença fundamental:
 o socialismo é um sistema
 pensado para dominar a "lei

do valor" que rege sistema de
 mercado e pensar a produção e
 distribuição de bens em função
 da reprodução da vida de todas
 as pessoas da sociedade.

Lembramos também
 que nessa tentativa, os
 modelos de socialismo que
 conhecemos caíram no
 totalitarismo e na ineficiência
 econômica. Continuando essa
 reflexão, eu quero discutir
 brevemente o problema do
 totalitarismo e autoritarismo
 e o socialismo. É claro que
 não há e não houve um
 padrão ou intensidade únicos
 de totalitarismo nos países
 socialistas. Há uma diferença

grande, por ex., entre a Coréia do Norte e Cuba (países ainda dominados por Partidos Comunistas) ou entre Albânia e Iugoslávia (países que foram socialistas); mas não se pode negar também que em todos os países ditos socialistas vigorou e ainda vigora o sistema de partido único e uma longa permanência do "líder" no poder.

Uma pergunta que surge é: o totalitarismo (nos mais diversos graus) foi um desvio ou uma parte intrínseca de como foi pensado o modelo socialista/comunista?

Eu penso que esse sistema político é intrínseco ao como foi pensado o socialismo. Como vimos antes, o principal objetivo do socialismo no campo econômico foi o de dominar a lógica da mercadoria (que não vai para quem mais necessita, mas para quem tem mais dinheiro para pagar) e não deixar para o mercado a tarefa de coordenar e dirigir a divisão social do trabalho. Isto é, não deixar que as leis do mercado determinem o que, quanto, como e para quem produzir. Para isso, as revoluções socialistas foram pensadas como uma ruptura que substituiria o sistema de produção econômico capitalista por outro sistema diferente,

internamente homogêneo e regido somente por uma lógica que atenderia o único interesse aceito como válido, o interesse da "classe operária".

Essa é uma das razões pela qual diversos críticos do capitalismo (sejam socialistas marxistas ou de tradição cristã) fazem as suas análises críticas de forma "metafísica", isto é, uma negação de tudo o que lembra o capitalismo e o mercado. Além disso, na medida em que a nova sociedade é pensada como uma totalidade social "homogênea", sem conflito de interesses econômicos e sociais (ou pelo menos conflitos aceitos como legítimos) e sem conflito ou dificuldade de comunicação entre cosmovisões culturais e religiosas diferentes, o tema da democracia não é realmente valorizado.

E se a "nova" sociedade é ou vai ser social, econômica e politicamente homogênea, para que democracia de verdade? Afinal, democracia é um sistema político que pressupõe a convivência "civilizada" entre grupos com visões e interesses conflitantes. Ademais, a economia socialista foi pensada para ser centralmente planejada (para ter uma coordenação

consciente e racional da divisão social do trabalho) e isso requer a centralização do poder capaz de controlar todos os aspectos da vida na sociedade, o econômico, o social, o político, o cultural e o religioso. Pois, se as pessoas, que desejam fortemente consumir produtos e serviços (materiais ou simbólicos) que o Estado não quer ou não tem condição de produzir, expressam livremente o seu descontentamento e atuam social e politicamente, esse sistema entra em crise de legitimidade.

O celebrado lema zapatista "queremos um mundo em que caibam muitos mundos" é um projeto que rompe com essa visão moderna da nova sociedade fundada na noção de homogeneidade social, que faz parte do projeto de impor um "mundo" (uma experiência social local) sobre todos outros mundos (projeto de dominação global).

Se queremos lutar por "um mundo onde caibam muitos mundos", precisamos ter claro que esse projeto não é compatível com totalitarismos, autoritarismos, sistemas políticos de partido único, e outros tipos de controle da vida social por um grupo de "elite" (seja burguesa, socialista, intelectual, religiosa ...).

Isso implica que precisamos pensar em um tipo de "socialismo" (ou qualquer outro nome que possa ter), que, ao colocar os interesses do bem comum e da vida social acima dos interesses de pequenos grupos ou da lógica da acumulação do capital, não caia na tentação de apoiar ou de propor totalitarismos ou autoritarismo.

Totalitarismo e autoritarismo são contrários ao horizonte utópico do socialismo porque impedem a realização do ser humano como sujeito da sua vida, um ser "vocacionado" à liberdade. Socialismo se justifica na medida em que possibilita condições sociais e institucionais para que os seres humanos desenvolvam suas capacidades e se tornem mais livres. Além disso, totalitarismo político em economia socialista torna o sistema econômico ineficiente [esse tema será objeto do próximo artigo].

****Professor de pós-graduação em Ciências da Religião. Autor de "Cristianismo de Libertação: espiritualidade e luta social", Paulus. Publicado pelo boletim eletrônico ADITAL.***

Feliz Natal

Frei Betto *

Neste Natal, Deus venha amado, desarmado, disposto a conter as iras do velho Javé e, surrupiado de fadigas, derrame diluvianamente sua misericórdia sobre todos nós, praticantes de pecados inconclusos. Venha patinando pela Via Láctea, um sorriso cósmico estampado no rosto, despido como o Menino na manjedoura, mãos livres de cajado e barba feita, a pedir colo a Maria e afago a José. Traga com ele os eflúvios das bodas de Caná e, a apetitar nossos olhos famintos, guisados de ovelhas e cordeiros acebolados, sêmola com açafrão e ovos batidos com mel e canela. Repita o milagre do vinho a embriagarnos de mistério, porque núpcias com Deus presente, assim de se deixar até fotografar, obnubila a razão e comove o coração.

Venha neste Natal o Deus jardineiro do Éden, babelicamente plural, disposto a fazer de Ló uma estátua de açúcar. E com a harpa de Davi em mãos, salmodie em nossas janelas as saudades da Babilônia e faça correr leite e mel nos regatos de nosso afeto.

Neste Natal, não farei presépio para o Javé da vingança nem permitirei que o peso de minhas culpas sirva de pedra angular aos alicerces do inferno. Quero Deus porta-estandarte, Pelé divino driblando as artimanhas do demo, acrobata do grande circo místico.

Minha árvore não será enfeitada com castigos e condenações eternas. Nela brilharão as chamas ardentes da noite escura a ensolarar os recônditos do coração. Venha Deus a cavalo, a pé ou andando sobre os mares, mas venha prevenido, arisco e trôpego e, sobretudo, desconfiado, à imagem e semelhança de minha indigência.

Enquanto todos comemoram em ceias pantagruélicas, vomitando farturas, iremos os dois para um canto de esquina e, amigos, dividiremos o pão de confidências ine-narráveis. Deus será todo ouvido e eu, de meus pecados, todo olvido, pois não há graça em falar de desgraça num raro momento de graça.

Neste Natal, acolherei Deus no meu quintal, lá onde cultivo hortaliças e legumes, e darei a ele mudas de ora-pro-nóbis, coisa boa de se comer no ensopado de frango. Mostrar-lhe-ei minha coleção de vitupérios e, se quiser, cederei a minha rede para que possa descansar das desditas do mundo.

Se Maria vier junto, vou presenteá-la com rendas e bordados trazidos do sertão nordestino, porque isso de aparecer senhora de muitas devoções exige muda freqüente de trajes e mantos, e muita beleza no trato.

Que venha Deus, mas venha amado, pois ando muito carente de dengos divinos. Não pedirei a ele os cedros do Líbano nem o maná do deserto. Quero apenas o pão ázimo, um copo de vinho e uma tijela de azeite de oliva para abrilhantar os cabelos. Cantarei a ele os cantos de Sião e também um samba-canção. Tocarei pandeiro e bandolim, porque sei das artes divinas: quem pontilha de dourado reluzente o chão escuro do céu, e provoca o cintilar de tantas luzes, faz mais que uma obra, promove um espetáculo. Restamos ter olhos para apreciar.

Desejo um Feliz Natal às bordadeiras de sonhos, aos homens que prenham a terra com sementes de vida, às crianças de todas as idades desditosas de maldades, e a todos que decifram nos sons da madrugada o augúrio de promissoras auroras.

Também aos inválidos de espírito apegados ciosamente a seus objetos de culto, aos ensandecidos por seus mudos solilóquios, aos enconchavados no solipsismo férreo que os impede de reconhecer a vida como dádiva insossegável.

Feliz Natal aos caçadores de borboletas azuis, artífices de rupestres enigmas, febris conquistadores

a cavalgar, solenes, nos campos férteis de sedutoras esperanças.

Feliz Natal às mulheres dotadas da arte de esculpir a própria beleza e, cheias de encanto, sabem-se guardar no silêncio e caminhar com os pés revestidos de delicadeza. E aos homens tatuados pela voracidade inconsútil, a subjetividade densa a derramar-lhes pela boca, o gesto aplicado e gentil, o olhar altivo iluminado de modéstia.

Feliz Natal aos romeiros da desgraça, peregrinos da indevoção cívica, curvados montanha acima pelo peso incomensurável de seus egos pedregosos. E aos êmulos descrentes de toda fé, fantasmas ao desabrigo do medo, néscios militantes de causas perdidas, enclausurados no labirinto de suas próprias artimanhas.

Feliz Natal a quem voa sem asas, molda em argila insensatez e faz dela jarro repleto de sabedoria, e aos que jamais vomitam impropérios porque sabem que as palavras brotam da mesma fonte que abastece o coração de ternura.

Feliz Natal aos que sobrevoam abismos e plantam gerânios nos canteiros da alma, vozes altissonantes em desertos da solidão, arautos angélicos cavalgando motos no trânsito alucinado de nossas indomesticáveis cobiças.

Feliz Natal aos que se expõem aos relâmpagos da voracidade intelectual e aos confeitores de montanhas, aos empertigados senhores da incondescendência e aos que tecem em letras suas distantes nostalgias.

Feliz Natal a todos que, ao longo deste ano, dedicaram minutos de suas preciosas existências a ler as palavras que, com amor e ardor, teço em artigos e livros. O Menino Deus transborde em seus corações.

**Frei dominicano. Escritor, autor de "A menina e o elefante" (Mercuryo Jovem), entre outros livros.*



Reminiscências, tela de Lu Mallmann,
publicada por <http://pictografar.blogspot.com/>

Agora, é já longe, no tempo
E no mapa da memória
Há fiapos de sombras
Perturbando a história

Mas tudo é ainda visto assim:
Os cachos de uva, pendurados na
forquilha

As barricas de sardinha
Que eu roubava pra partilha...

Era o tempo terrível da guerra
E a fome cruel, invadiu toda a
terra...

E vejo ainda, em viva recordação
O povo em fila, de dorida
Procissão

Invadindo a Vila, à procura de
Pão...

Muitos anos depois
Em alegre ladainha
De muitos ouvi, a festiva
campainha:

"De muita fominha, me matou tua
mãezinha "...

Re mi nis cên cias

Pe. Arnaldo Lima Dias

e das frutas melhores
sob a arca, guardadas
pras melhores visitas
tão bem preparadas...
Como é bom recordar!...
As castanhas comidas
Devagar, devagar...
Num labor de formigas
Sem nenhum repousar...

e as pêras e maçãs
nas saliências da sala
colocadas com arte
em vez de, na mala...
e o perfume que exala
diz presença, sem fala
alegrando a casa inteira

Recordo ainda, a vovó cansada
Sempre sentada, na sua cadeira
Olhando feliz, nossa brincadeira
Enquanto comia, a broa molhada
No café com leite, na grande
tigela!

Agora, é já longe, no tempo
Só resta comigo, a lembrança
Que viaja e reza, no vento
Alimentando a feliz esperança
Que nos dá alegria e sustento...

As lágrimas afloram, suaves
Na face do coração
Ao ciscar estas lembranças
Em feliz meditação...



Déa Januzzi*

TERRITÓRIO LIVRE

Hoje, eu quero me filiar ao Partido das Mães Unidas (PMU), por um mundo melhor. Nada de promessas vãs e mesmice. Mães unidas querem mais praças, clubes, campos de futebol, pistas de skate, caixas de areia por todos os lados. Querem afeto, alegria, circo, teatro nas ruas, quarteirões da paz. Unidas num mesmo partido, mães clamam por parques de diversão, com roda-gigante e carrossel, onde haja fantasia e emoção para que seus filhos sejam apenas crianças.

No Partido das Mães Unidas, não tem lugar para o anteontem das coisas. Só pulsa a esperança. As mães sabem que não adianta colocar esparadrapo em cima de uma ferida aberta. Não adianta prótese. O tratamento tem de ser intenso, com escola para todos, no lugar de novos

presídios, repletos de jovens que não tiveram chance. Mães são adeptas da liberdade. Sabem, lá no fundo do coração, que não adianta colocar mais polícia e viaturas nas ruas. A plataforma das mães é por uma polícia educadora, que não empurre seus filhos para os paredões da vida, para revistar bolsos e almas, em nome de qualquer suspeita.

Mães sabem que jovens desprezados pela estrutura política nacional vão devolver tudo em dobro atrás das grades. Mães querem políticos em suas verdadeiras funções, de promover o bem-estar e a igualdade social. Mães querem que os filhos não tenham que partir para outros países, expulsos por uma política econômica perversa, que não oferece emprego e oportunidades.

Coração de mãe não se engana.

Coração de mãe não quer dor.

Coração de mãe não é cego nem manco.

Coração de mãe é largo, não tem fundo. É latifúndio. Mas coração de mãe faz distribuição de renda, reforma agrária, espanta o frio e o sofrimento. Coração de mãe não cobra ingresso, faz o maior espetáculo do mundo.

Coração de mãe não tem cor.

Mãe não tem preconceito, idéias concebidas, guardadas num baú cheirando a mofo e teia de aranha. Mães têm pacto com o amanhã, com a ousadia; mães aprendem rebeldia com seus filhos adolescentes. Mães crescem todos os dias, num exercício de liberdade e cidadania. Mães ouvem rap. E descobrem na internet cantores alternativos de nome "Ventania". Mães querem ar, querem que os filhos respirem, protestem, como convém à adolescência. Mães são libertárias, ressuscitam gritos de guerra: "Mães unidas jamais serão vencidas".

O Partido das Mães é primeiro e único, porque

clama por . solidariedade, generosidade e fraternidade, noções esquecidas pelos governantes e líderes mundiais. Coração de mãe guarda recordações de Ghandi, Martin Luther King, Charles Chaplin, Marx, Jesus Cristo, Freud, John Lennon, que estão mortos, mas não conseguiram sepultar a intolerância. Mas coração de mãe não tem grades, cerca elétrica, arame farpado, fronteiras. Está sempre aberto, com eterno visto de entrada e saída, para denunciar horrores como o da Nigéria. Todas as mães do mundo têm de se colocar no lugar de Amina Lawal, condenada à morte por apedrejamento porque teve um filho fora do casamento.

Coração de mãe não tem mordança, não pode ficar em silêncio diante de um tribunal que se julga onipotente para condenar uma mulher à morte. Um tribunal que mata em nome da moral.

Coração de mãe está sempre aberto para gritar contra a prepotência.

**Jornalista e cronista do Caderno Bem Viver, do jornal Estado de Minas.*

Transcrito do livro Coração de Mãe, publicado pela Editora Leitura.

O jovem do século XXI está mais individualista, acomodado e suscetível a várias experimentações. Ele “se permite ensaiar, provar, ter várias experiências e não se precipita com o futuro”, afirma a socióloga Maria Isabel Mendes de Almeida, pró-reitora de pós-graduação e pesquisa na Universidade Candido Mendes (UCAM). Ao analisar o perfil do jovem contemporâneo, em entrevista especial concedida por telefone a IHU On-Line, a pesquisadora explica alguns fatores que contribuíram para essa mudança de paradigma da juventude moderna. O jovem está mais individualista porque, segundo ela, “se tornou agente do seu próprio destino”. Nesse novo cenário, a juventude parece ter deixado de lado as reivindicações sociais herdadas pelos veteranos da década de 1960. “O jovem tem participado de movimentos mais pontuais.

Uma das campanhas que têm sensibilizado a juventude é a da questão ambiental”, aponta a pesquisadora, que em seguida dispara: “A preocupação norteadora não é mais social e transformadora. Não há uma aposta que privilegie, sobretudo, esse jovem preocupado com a transformação social”.

Maria Isabel Mendes de Almeida possui mestrado e doutorado em Sociologia, pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Atualmente, é pró-reitora de pós-graduação e pesquisa na Universidade Candido Mendes (UCAM), e coordenadora do Centro de Estudos Sociais Aplicados (CESAP), onde funciona o Núcleo de Estudos em Subjetividade (NES), dedicado à pesquisa das culturas jovens urbanas. Docente do curso de mestrado em Sociologia e Política na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Maria Isabel organizou, entre outros, os livros *Culturas jovens. Novos mapas do afeto* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006) e *Por que não? Rupturas e continuidades da contracultura* (Rio de Janeiro, 7Letras, 2007).

Um jovem cada vez mais autônomo e menos independente

IHU - Unisinos*

IHU On-Line - Segundo dados do Datafolha, o jovem apresenta uma postura mais conservadora em relação ao aborto, mas é totalmente liberal quando o assunto é sexualidade. Como compreender posições tão diferentes?

Maria Isabel Mendes de Almeida - Esse conservadorismo diz respeito à postura da juventude, atualmente. Hoje, o jovem é muito mais atento a enquadrar-se numa situação do que efetivamente questionar-se. Ele está balizado pela idéia de competência, de sucesso no mercado de trabalho. Esse conservadorismo, por sua vez, diz respeito à dissociação que existe hoje entre independência e autonomia, ou seja, o jovem é autônomo, mas não independente, como era o da década de 1960, que saía de casa, tinha confronto com os pais, e que só se considerava autônomo se fosse independente.



Hoje, o jovem é autônomo, criativo, mas totalmente dependente dos pais. Ou seja, ele não está mais preocupado em sair de casa e se tornar independente. Essa nova realidade vai gerando acordos dentro da família e assuntos como sexo se tornam mais frequentes. Nesse contexto, a sexualidade não é mais um parâmetro gerido pelos pais, e sim pelos jovens, com o aval da família.

Desse modo, ele não se preocupa tanto com o aborto, uma vez que este não é mais um recurso necessário como um antagonismo aos pais. O nascimento de uma criança, atualmente, nos setores de classe média, conta com amplo apoio da família. Isso revela que esse jovem também está apostando e investindo na estrutura familiar, uma vez que não questiona os valores familiares.

IHU On-Line - Pesquisas demonstram que o jovem inicia a vida sexual antes dos 15 anos, e que deseja ter vários parceiros. Que valores compõem a vida dos jovens da era do “ficar”?

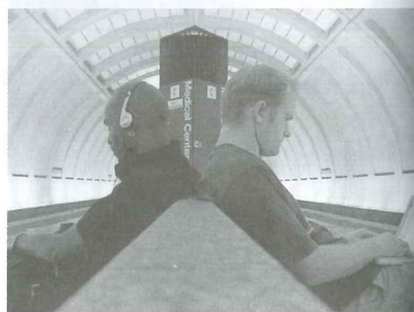
Maria Isabel Mendes de Almeida - O valor de laboratório. O jovem de hoje se permite ensaiar, provar, ter várias experiências e não se precipita com o futuro.



A questão do “ficar” é uma espécie de símbolo dessa idéia de ensaísmo, na qual o jovem não tem mais a pressão absoluta do compromisso. Hoje, o “ficar” é muito diferente da geração dos anos 1960 e 70. Essa relação traz em si a idéia da experimentação, em que a escolha do par se dá após muitas etapas de experimentação. Entretanto, “ficar” não significa ter relações sexuais. Nos setores de classe média, por exemplo, os jovens estão perdendo a virgindade com uma idade mais avançada, já que o cenário do “ficar” compõe-se de experiências erotizadas no sentido lúdico. Percebo que não há ausência de valores nos relacionamentos da juventude, mas uma pragmatização da visão de mundo. O conceito do pragmatismo está muito mais evidente no sentido de não se dar a chance de errar rápido, mas sim ter uma escala de experimentação antes de estabelecer um compromisso efetivo.

IHU On-Line - Segundo dados do Datafolha, entre os sonhos dos jovens brasileiros, as preocupações profissionais e pessoais estão em primeiro plano. O que isso significa? O jovem está mais individualista? As lutas sociais cederam espaço à realização pessoal?

Maria Isabel Mendes de Almeida - Sim! Ele está mais individualista, porque se tornou agente do seu próprio destino. A decisão não é tomada mais pela família, pela escola, pelo partido político, e sim por ele mesmo. Por isso, o jovem de hoje encontra dificuldade em fazer algumas escolhas. Portanto, isso diz respeito a um individualismo cada vez mais radical, sim! Essa mudança também afetou as relações pessoais, na qual o ideal romântico do casamento deixou de ser o princípio norteador, sobretudo na vida da mulher. Percebo nas pesquisas que os projetos de vida a dois estão vindo a reboque da questão profissional, ou seja, essa vem sendo norteadora na vida da juventude.



Para vários jovens, por exemplo, uma bolsa de estudos ou um aceno de emprego muito atraente é mais importante do que os laços afetivos. Assim, a criatividade e a profissão são aspectos que se contaminam mutuamente, ou seja, eles querem, no trabalho, serem criativos; e, na criação, serem profissionais.

IHU On-Line - Mas nem por isso os jovens abandonaram as causas sociais...

Maria Isabel Mendes de Almeida - Não. As duas coisas podem caminhar juntas, embora estejam despidas do aspecto ideológico central. A preocupação norteadora não é mais social e transformadora. Não há uma aposta que privilegie, sobretudo, esse jovem preocupado com a transformação social.

IHU On-Line - Então, de que maneiras o jovem tem expressado sua vontade de mudança?

Maria Isabel Mendes de Almeida - O jovem tem participado de movimentos mais pontuais. Uma das campanhas que têm sensibilizado a juventude é a da questão ambiental, a qual está atrelada a uma preocupação mais ampla, com o todo, mas, sobretudo, com ele mesmo e com o mundo em que ele viverá.

Aquilo que justificava, para a minha juventude, a luta armada, a política estudantil, e tudo que implicava de uma maneira mais contundente numa bandeira transformadora hoje não se dá da mesma forma.

IHU On-Line - Como as novas tecnologias e a internet têm influenciado a construção da identidade juvenil?



Maria Isabel Mendes de Almeida - Certamente de uma forma muito intensa. A interação do jovem com a internet vem sendo muito criadora, possibilitando que ele expresse seu pensamento e visão de mundo para toda a sociedade. No caso dos blogs de literatura, por exemplo, estamos descobrindo muitos talentos que, sem a rede não teriam como se manifestar.

IHU On-Line - Antigamente, os jovens saíam de casa por volta dos 20 anos de idade. Hoje, muitos moram com a família até o fim da juventude. O que essa permanência na casa dos pais representa? O jovem do século XXI está com medo de

enfrentar a vida adulta?

Maria Isabel Mendes de Almeida - Esse cenário é mais significativo entre os jovens de classe média, os quais estudo. A violência é um fator considerável quando analisamos esse novo contexto, pois ela tem interferido muito na reorganização das relações pessoais. Os jovens têm receio e menos capacidade de apostar no que diz respeito à sua relação com o espaço físico, já que a vida se tornou assustadora.

Entretanto, outro aspecto justifica essa permanência em casa: o jovem está acomodado! Por mais que ele seja criativo e competente, prefere poupar dinheiro, esquivando-se de pagar todas as despesas que implicam ter um apartamento, ficando na casa dos pais para depois ingressar na vida de uma forma mais protegida, com um capital acumulado. Essa permanência tem a ver com o fato de que o jovem se torna autônomo, e não independente. Para os pais, o sucesso profissional dos filhos é muito mais importante do que a independência. Existe nisso uma espécie de pacto curioso, uma cumplicidade na relação pais e filhos que deve ser estudada com mais cautela para que se compreenda de forma mais aprofundada esse fenômeno. Percebemos o

fenômeno, mas não podemos exaurir todas as respostas a esse respeito.

IHU On-Line - A pesquisa do Datafolha afirma que os jovens se preocupam muito com a aparência. Em contrapartida, os dados revelam que o índice de insatisfação com o corpo tem aumentado entre meninos e meninas. O que explica tamanha insatisfação entre jovens "criativos e autônomos"?

Maria Isabel Mendes de Almeida - A aparência e o aumento dessa preocupação revelam a medida inversa, ou seja, cada vez mais a idéia de competência integra a capacidade de cuidar de si. Um jovem obeso, descuidado ou com má aparência é visto como incompetente. Ou seja, ele não está conseguindo cuidar inteiramente de todas as esferas de sua vida. A sociedade na qual ele está inserido é cada vez mais implacável com essa idéia de criar um cartão de visita de si. Se formos comparar a juventude atual com a da contracultura, perceberemos que a inteligência, antes, era um elemento que definia mais o jovem do que o fato de ele ser gordo. Hoje, o nerd, por exemplo, também faz parte de uma categoria de implacabilidade. Ele é genial, conhece tudo sobre um

determinado assunto, mas, no intervalo da escola, fica na sala porque é gordo ou tem espinhas.

Quer dizer, ele fica à mercê do olhar do outro jovem. Nesse sentido, a percepção do colega é mais implacável e definitiva na sociedade contemporânea.

IHU On-Line - Por outro lado, o jovem brasileiro é apontado como um dos mais felizes e esperançosos do mundo. Como a senhora avalia esse fenômeno? O jovem moderno é criativo, autônomo, dependente, insatisfeito com seu corpo, mas feliz e esperançoso?

Maria Isabel Mendes de Almeida - Não existe uma

relação de contradição entre esses termos. A felicidade, o otimismo, a esperança e a preocupação com o bem-estar - como ingredientes centrais na economia interna deste jovem - não o livram do peso de que ele tem de "dar certo". Ou seja, de que ele precisa estar permanentemente atento a um interminável processo de formação e aperfeiçoamento de si. Tal estado de coisas não descarta um duplo sentimento de busca imperativa da felicidade e de uma contínua espiral de insatisfações e frustrações.

***Instituto Humanitas Unisinos.
Publicado pelo boletim eletrônico ADITAL.**

O PÃO E A BONDADÉ

O que é uma pessoa boa? Como defini-la?

Talvez tenhamos dificuldade em explicar, mas facilmente descobrimos se as pessoas com quem convivemos são boas ou não.

Talvez seja útil comparar a pessoa boa ao pão.

Porque o pão é gostoso? Por que não cansamos de comê-lo? E é tão simples, sem sofisticações. Está presente em todos os momentos da vida, e não faz questão de se apresentar nos banquetes. O pão aceita qualquer companhia: Pão e água para os penitentes, pão com doces, pão com salgados. O pão se dá bem, casa bem com tudo e com todos. Até quando está velho e seco é gostoso: torrado, como farinha de rosca, como ingrediente de doces e salgados.

Se os alimentos pudessem escolher um parceiro ideal, certamente escolheriam o pão, pois é a síntese da bondade.

É por isso que costumamos dizer de uma pessoa bondosa: ela é um pão. Por isso Jesus se fez pão.

Extraído do "Meu livro de meditação" de José Bortolini.

Não fique tão sério

A mulher acorda no meio da noite e constata que o marido não está na cama. No silêncio ela ouve um resmungo. desce até o porão e encontra o marido, encostado num canto do cômodo virado para a parede e soluçando como uma criança. ela pergunta: - O que aconteceu? Ele responde: - Lembra-se do dia que seu pai nos flagrou quando você tinha dezesseis anos? - Sim, lembro, responde ela. - Lembra-se de que ele disse que eu tinha duas alternativas? Ou casava com você ou pegava vinte anos de cadeia? - Sim, lembro, concorda ela. O marido quase se desmanchando de chorar fala: - Hoje é o dia em que eu estaria saindo da cadeia.



O sujeito chega em casa, tira os sapatos, senta no sofá, liga a TV e grita para mulher - Claudete! Traz uma cerveja aí, antes que comece. A esposa não diz nada e entrega a cerveja. Depois de dois minutos, o marido volta a gritar: - Claudete! Traz uns amendoins para mim, antes que comece. A mulher, impaciente, leva os

amendoins e volta, bufando.

O marido novamente grita da sala: - Claudete! Claudete! Só mais uma cerveja! Antes que comece, vai. A mulher já com raiva grita: - Chega! É sempre a mesma porcaria. Você chega em casa, senta, liga a TV e fica me pedindo tudo. Você não me dá nenhum valor, acha que eu sou uma mercadoria. - Tá vendo só? - resmunga o marido - Já começou!



- Bom dia, é da recepção? Eu gostaria de falar com alguém que me desse informações sobre um paciente. Queria saber se certa pessoa está melhor ou piorou...

- Qual é o nome do paciente?

- Chama-se Celso e está no quarto 302.

- Um momentinho, vou transferir a ligação para o setor de enfermagem...

- Bom dia, sou a enfermeira Lourdes. O que deseja?

- Gostaria de saber as condições clínicas do paciente Celso do quarto 302, por favor!

- Um minuto, vou localizar o médico de plantão.

- Aqui é o Dr. Carlos plantonista. Em que posso

ajudar?

- Olá, doutor. Precisaria que alguém me informasse sobre a saúde do Celso que está internado há três semanas no quarto 302.

- Ok, meu senhor, vou consultar o prontuário do paciente... Um instante só! Hummm! Aqui está: ele se alimentou bem hoje, a pressão arterial e pulso estão estáveis, responde bem à medicação prescrita e vai ser retirado do monitor cardíaco até amanhã. Continuando bem, o médico responsável assinará alta em três dias.

- Ahhhh, Graças a Deus! São notícias maravilhosas! Que alegria!

- Pelo seu entusiasmo, deve ser alguém muito próximo, certamente da família!?

- Não, sou o próprio Celso telefonando aqui do 302!

É que todo mundo entra e sai desta porcaria deste quarto e ninguém me diz nada.

Eu só queria saber como estou.....



Na sala de aula, a professora pediu para que os alunos falassem do que tinham mais medo e perguntou: - Mariazinha, do que você tem mais medo? - Mais medo, professora? Eu tenho medo do bicho papão! A professora

sorriu e respondeu: - Mas Mariazinha... Não precisa ter medo, porque bicho papão não existe. Paulinho, e você? Do que tem mais medo? - Ah, professora, eu tenho medo de assombração! Outra vez, ela responde. - Mas Paulinho, não precisa ter medo, porque assombração não existe.

Joãozinho, e você? Do que tem mais medo? Sem pensar duas vezes, ele respondeu: - Do Mala Men! - Mala Men, Joãozinho? Perguntou a professora. - É, professora do Mala Men! - Mas Joãozinho, quem é esse Mala Men? Nunca ouvi falar. Joãozinho responde: - Olha, professora, quem é eu também não sei, mas deve ser muito perigoso. Todo dia, quando a minha mãe termina a oração, ela fala: mas livrai-nos do Mal-a-Men.



Um dia, no escritório, um homem reparou que o seu colega, muito conservador, estava usando um brinco.

- Não sabia que você gostava desses acessórios, comentou.

- Não é nada de especial, é só um brinco, replicou o colega.

- Há quanto tempo você o usa? Perguntou o outro. - Desde que a minha mulher o encontrou no meu carro na semana passada.

O menor abandonado... EM CASA

Neusa Tasca*

Um dia apenas

é pouco para se discutir a criança, mas é assim que funciona a sociedade ocidental consumista, é tudo a todo vapor.

Sabemos que cada época e cada cultura têm seus valores e suas regras a respeito de como cuidar e educar suas crianças. Esse agora é nosso tempo, nossa época, e, bem ou mal, estamos sendo conduzidos de acordo com os valores vigentes que trazem como prejuízo o abandono de nossas crianças. Mas o abandono a que me refiro não é o abandono na rua e sim o abandono em casa. Sabemos que o abandono na rua é de grande relevância, mas esse passa por uma vertente política que demanda um espaço maior para ser discutido. Já o abandono em casa, esse depende muito de nós - a família dessas crianças: pais, mães.

Essa é a realidade do nosso tempo: o trabalho dos pais fora de casa. Como consequência, a criança passa o dia todo "sozinha", com uma agenda lotada que lhe ocupa o tempo, obrigando-a à convivência com outras pessoas sem vínculo afetivo, enchendo-a de responsabilidades, muitas vezes além de sua capacidade,

gerando fracassos, estresse, angústias, que colaboram para a construção da baixa autoestima.

Vale lembrar a teoria de Vygotsky sobre a "zona de desenvolvimento proximal", ou seja, o potencial que a criança tem de realizar uma tarefa com a ajuda de outra pessoa com maior capacidade. Que falta faz a uma criança ter alguém que a ajude a arrumar a mochila, fazer o trabalho da escola, organizar o quarto, fazer um lanche, ou mesmo uma companhia para jogar e bater um papo, tudo hoje delegado a terceiros. Aqui entra a convivência restrita com os amigos virtuais. É na internet que as crianças vão buscar seus relacionamentos e, por serem da mesma idade, perdem em qualidade, pois não ampliam vocabulário, não adquirem conhecimento de mundo, não valorizam o contato com pessoas mais velhas, perdem o gosto pelas tradições. É uma pena ouvir de filhos que não se relacionam bem com os pais e de pais que não têm paciência com os filhos.

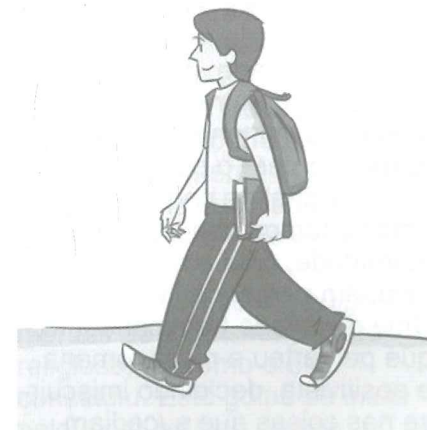
Ora, é verdade que muitas vezes não nos é possível mudar o rumo das coisas, por mais que queiramos, pois o controle não está em nossas mãos. Por isso sentimos e, diante

do irremediável, só há que se lamentar a "solidão" de nossas crianças. Pobre delas que devem compreender que os pais precisam trabalhar fora de casa para lhes dar mais conforto, segurança, um futuro promissor e, mais ainda, realizarem-se na vida profissional, porque papai e mamãe que não se realizam se tornam adultos frustrados, infelizes, e não serão um orgulho para os filhos. A compreensão mudou seu ponto de partida... agora é dos filhos para com os pais.

Parabéns a vocês crianças, que hoje carregam essa árdua tarefa de a cada dia se tornarem mais adultos - a infância cada vez mais curta para ser um adulto que vai durar para o resto da vida.

***Educadora.**

Transcrito da Tribuna de Minas de 11.10.09, página 2.



Um outro Natal é POSSÍVEL

Luiz Augusto Passos¹

Confesso que estou cansado do Natal passado a limpo pela tradição branca-européia capitalista. Conseguiram pegar um menino mouro escuro, semi-beduíno-judeu e transformá-lo num menino Jesus ariano, louro, reconchunchado e de olhos azuis. Derreteram as diferenças para que um certo menino vestido de carne e osso, não tirasse o sono de ninguém. Às vezes me pergunto como pode tanta euforia e alegria por este fato histórico tão subvertedor da 'ordem'?

Só quem levou a sério a estrela, e os anúncios dela, foi Herodes. Ele foi um dos poucos que acreditando na profecia havia enxergado, por trás da fragilidade dum recém-nascido, a ameaça iminente de um terremoto para o poder.

Afinal de contas, na prática, fomos abalroados pela eternidade, pela emergência dela, em carne, na História. Uma divindade transcendente, que perverteu a regra romana e positivista, decidindo imiscuir-se nas coisas que sucediam

no mundo debaixo da lua. Não devia!

Sem cerimônia chegou, pôs sua tenda entre nós assumindo a condição de homem em tudo, menos no pecado - o que é óbvio - porque ainda que tantos afirmem o contrário, o pecado não é humano - é anti-humano! - é a destruição da humanidade que pode e deve estar em nós, e que foi tão sonhada por Deus! Laconicamente diz Hebreus: "Deste-me um corpo... (Rom 10,10)". E lá se foi nossa mesmice e nosso sono! Era rebentada a bitola humana pela eternidade.

***Se natal só fosse isso,
talvez fosse irrelevante.
Mas é muito mais.***



É a afirmação de que a plenitude da revelação do Verbo Encarnado passou por uma mulher. Maria do povo constituiu-se o epicentro deste terremoto de Deus na história. Convenhamos que o visitante que tomou lugar na mesa estava tomado de 'más' intenções, porque afinal de contas numa sociedade patriarcal - como as nossas - em que as mulheres estavam - e continuam! - "à margem" da humanidade e da administração do poder religioso, não foi tático - pelo menos - chegar deste jeito pela porta dos fundos. Esse jeito de chegar, com certeza malicioso, não foi cochilo porque Ele conhecia tão bem o coração e as histórias dos homens, como também conhecia o esforço destes varões de apagar os traços de mãe da face de Deus, que tantas vezes a Escritura punha em relevância. Há quase dois mil anos, pela primeira vez, o patriarcalismo crise! Quiçá nem se percebeu no centro do Natal, a verdade do Hino de Louvor da Igreja Romana que diz textualmente: "Não te horrorizaste do útero de uma virgem".

Mas natal não é só isso

É a transferência incômoda do lugar de encontro com Deus para dentro da história, para o tempo, para o mundo. De agora em diante quem buscar Deus,

na ponta dos pés, querendo "subir", pondo a realidade entre parênteses, deixando tudo "fora" e desligando-se do mundo, para encontrar o Espírito, e-f-e-t-i-v-a-m-e-n-t-e não achará nada!



Ao bater no Céu, ouvirá gritar lá de dentro: "Não está!... Se encarnou!..." Foi esse o recado na manhã da ressurreição: "Porque ficais aí, olhando para o Céu?...". E o eco: "Se encarnou!" Agora, antes do culto e da oferta a Deus, a primeira condição é reconciliar-se com o irmão de carne-e-osso! "O que fizeres ao menor... a mim o fazeis." "É abraçando o irmão que vejo, que abraço a Deus que não vejo." "Se encontrardes um irmão em necessidade e fechardes o coração, como poderá estar nele o amor de Deus?" É na relação com o outro no mundo que eventualmente encontrarei, no amor e na liberdade, o Totalmente-nós-e-Totalmente-outro.

Jesus desfere golpes mortais ao judaísmo político-religioso, tal como ele se constituiu. Este golpe se inicia pelo lugar político de seu

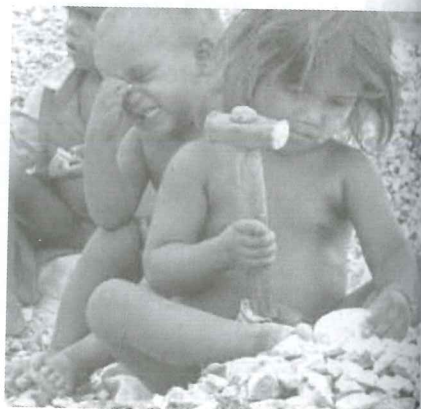
nascimento: Belém de Judá. Ficaria tão bem se tivesse nascido em Jerusalém. Jesus desautorizava Jerusalém como o centro político-religioso. Esta clara sinalização (distração de Deus não foi, por certo!) demonstra uma revolução religiosa que mais tarde Jesus explicitará a uma mulher pecadora: não é no Templo, na pedra (Lugar/espço), nem no Sábado (Tempo) que se garante a presença (religiosa) de Deus, mas somente o encontro com o Amor e Justiça, em espírito e verdade." Mudam-se os critérios do ato religioso. Jesus será considerado herético, mais tarde pelas autoridades religiosas supremas do Judaísmo que o condenaram à morte: "Não escrevas - disseram a Pilatos - Rei dos Judeus!"

Natal é mais ainda.

É a indicação clara de que agora todo o movimento "de redenção passa pela destinação dos pobres e excluídos. Os ricos poderão decidir até sobre a vida dos pobres, mas eles mesmos estão alienados da decisão final sobre suas próprias vidas, não poderão decidir sobre o derradeiro gesto de posse ou não do Reino. O Reino de Deus, é dado por Ele aos pobres. O que Mateus 25, o que Lázaro, o que a criança, o que o Natal aponta é que à entrada deste menino ao

mundo instaurou-se um juízo, a partir do qual o que é feito a eles - aos pobres, aos indigentes, aos migrantes, aos enfermos, aos prisioneiros, enfim à periferia, decidirá a partir de agora o destino do mundo e o destino de cada um de nós. Esta transferência de poder final para fora dos meandros do poder assusta e subverte o jogo do próprio poder... Por outro lado, se assim não fosse o Reino com certeza pertenceria aos amigos do Rei, a alguns banqueiros, senadores, deputados e juristas... Porque se a ordem dos Céus fosse a do mundo, estabelecida pelo neoliberalismo, os pobres deveriam ser exterminados como ratos, para não atrapalhar a o programa de Qualidade Total e dos ajustes fiscais das esferas celestes...

Nada irrita tanto os dominadores como não poder reduzir tudo e todas como apêndice e capacho de seus pés.



As nações imperialistas não acreditam que possa existir algum pedacinho no planeta que elas não possam colocar as mãos, o nariz e as patas, transformando os países pobres em satélites, com o único fito de provarem a si mesmos a extensão de seu poder. Nada irrita tanto um rico como lugares e pessoas reservadas que ele não os possa comprar e devassar a preço de dinheiro. Por causa disso tudo, os chefes dos Estados, os Mercadores, os Cientistas, os Especialistas, os Religiosos, as Corporações e Cartéis estão sob a tentação de forjarem o Jesus do Presépio, como um menino inocente - de porcelana ou de louça - frágil demais para por em cheque a injustiça travestida em Ordem! No entanto, o Jesus bíblico, vivo nas ruas, racha as regras do jogo, e põe em crise o centro do poder a partir da periferia. Aqui começa um rastilho de pólvora de conseqüências inimagináveis para nós, há dois mil anos separados de Belém.

Vale, com toda a certeza o esforço enorme dos governos, das empresas, do marketing, dos diretores lojistas, dos arrastões policiais tirando outros tantos meninos e mendigos das ruas; bem como as igrejas de arredondarem o Natal, com quinquilharias, bolinhas de vidro, luzes, sinos, música, paz armada, cartões premiados e canto de meninos. Afinal

de contas, um Deus moreno, nascido de mulher (Gal4,4) intrometeu-se na ordem do mundo, desestabilizando as ordenações religiosas dos homens, metendo-se em política, fechando os céus para encontros oficiosos com Ele, e abrindo-os no mundo; a partir das coisas, das mulheres, dos homens, vetando posse e a decisão do rico sobre o Reino e abrindo-o ao juízo, poder e posse da mulher e do homem pobre... Enfim nesta economia de Mercado, esse Deus-comida feito PALAVRA-CARNE - a seco - é muito duro de engolir!

O Natal do Deus feito Palavra-carne implica no incômodo de aceitar que só na salvação da história pela justiça e fraternidade temos acesso à História da Salvação realizada por Deus. E, tudo isso aconteceu-nos, por que no Natal um Deus se fez menino pobre, moreno, esvaziado e se encarnou! É também, por isso, que não raro, no Natal que celebramos nas ruas e nas Igrejas há um menino de luz calmanete, com música sonolenta, feito de louça lisinha, engolido por velhinho espalhafatoso e mercadológico... escondendo o sacrifício sangrento dos pobres.

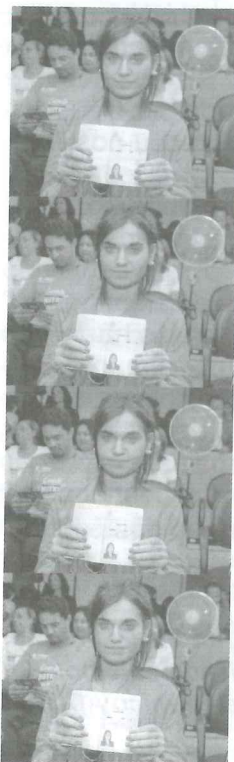
***Filósofo. Doutor em Educação.
Publicado pelo boletim eletrônico ADITAL.**

Você tem experiência?

Num processo de seleção de uma grande empresa os candidatos deveriam responder à seguinte pergunta:

“Você tem experiência?”

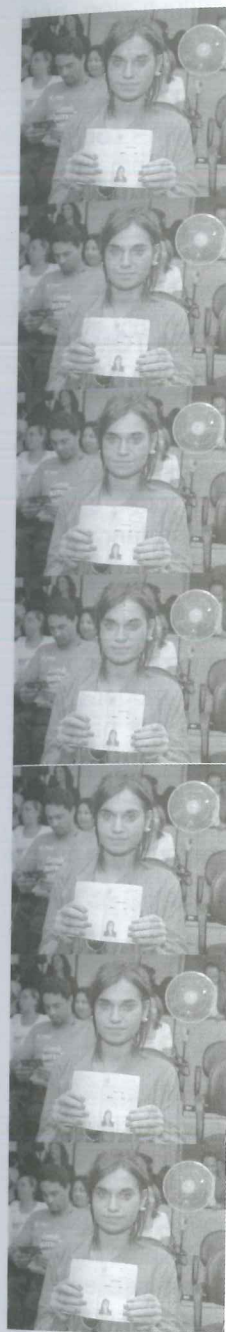
A redação abaixo foi desenvolvida por um dos candidatos. Ele foi aprovado, seu texto está fazendo sucesso, e ele com certeza será sempre lembrado por sua criatividade, sua poesia, e acima de tudo por sua alma.



REDAÇÃO VENCEDORA

Já fiz cosquinha na minha irmã só pra ela parar de chorar. Já me queimei brincando com vela. Eu já fiz bola de chiclete e melequei todo o rosto. Já conversei com o espelho, e até já brinquei de ser bruxo. Já quis ser astronauta, violonista, mágico, caçador e trapezista. Já me escondi atrás da cortina e esqueci os pés pra fora. Já passei trote por telefone. Já tomei banho de chuva e acabei me viciando. Já roubei beijo. Já confundi sentimentos. Peguei atalho errado e continuo andando pelo desconhecido. Já raspei o fundo da panela de arroz carreteiro. Já me cortei fazendo a barba apressado. Já chorei ouvindo música no ônibus. Já tentei esquecer algumas pessoas, mas descobri que essas são as mais difíceis de esquecer. Já subi escondido no telhado pra tentar pegar estrela. Já subi em árvore pra roubar fruta.

Já caí da escada de bunda.



Já fiz juras eternas. Já escrevi no muro da escola. Já chorei sentado no chão do banheiro.

Já fugi de casa pra sempre, e voltei no outro instante. Já corri pra não deixar alguém chorando. Já fiquei sozinho no meio de mil pessoas sentindo falta de uma só. Já vi pôr-do-sol cor-de-rosa e alaranjado. Já me joguei na piscina sem vontade de voltar. Já bebi uísque até sentir dormentes os meus lábios. Já olhei a cidade de cima e mesmo assim não encontrei meu lugar. Já senti medo do escuro. Já tremi de nervoso. Já quase morri de amor, mas renasci novamente pra ver o sorriso de alguém especial. Já acordei no meio da noite e fiquei com medo de levantar. Já apostei em correr descalço na rua. Já gritei de felicidade.

Já roubei rosas num enorme jardim. Já me apaixonei e achei que era para sempre, mas sempre era um “para sempre” pela metade”. Já deitei na grama de madrugada e vi a Lua virar Sol. Já chorei por ver amigos partindo, mas descobri que logo chegam novos, e a vida é mesmo um ir e vir sem razão.

Foram tantas coisas feitas, momentos fotografados pelas lentes da emoção, guardados num baú, chamado coração.

E agora um formulário me interroga, me encosta à parede e grita: “Qual sua experiência?” Essa palavra ecoa no meu cérebro: experiência.

Experiência... Será que ser “plantador de sorrisos” é uma boa experiência?

Não! Talvez eles não saibam ainda colher sonhos! Agora gostaria de indagar uma pequena coisa para quem formulou esta pergunta:

“Experiência? Quem a tem, se a todo o momento tudo se renova?”

Colhido na Internet

TEMÁRIO DE FORMAÇÃO

Nas páginas seguinte damos continuidade à publicação dos módulos preparados pelo casal Tânia e Tiquinho, responsáveis pelo Secretariado de Formação do CONDIR SUDESTE

As equipes interessadas na duplicação e no colecionamento dos textos poderão nos solicitar a remessa através de e-mail.

MÓDULO Nº. 09

TEMA: MUDAR

(UMA ATITUDE CORAJOSA E PROFÉTICA. SIGNIFICA TOMAR OUTRA FORMA, ALTERAR, MODIFICAR, BUSCAR O NOVO.)

Queridos amigos mefecistas, esta nona carta de nosso programa de formação, vai exigir de cada um de nós uma atitude corajosa e profética. Corajosa porque mudança significa encarar o novo, com todas as suas inseguranças, medos e incertezas; e profética porque nos lança a um compromisso conosco e com o nosso tempo.

Sempre dizemos que o nosso MFC é um movimento de vanguarda, isto é, sempre busca novas situações e novas atitudes. Essa situação exige que tenhamos uma capacidade extraordinária de assumir o novo; em outras palavras, exige que tenhamos a coragem de mudar. Essa característica é própria do ser humano, sempre estamos nos propondo alguma mudança. seja mudanças, a si próprio, aos outros, em todos os campos de atividades que relacionamos: pessoal, profissional, familiar e grupal.

Convidamos portanto, nossos queridos amigos mefecistas, a uma reflexão sobre o tema **MUDAR**.

HOJE, O QUE EU PENSO MUDAR? (No pessoal, no familiar, no social, no MFC). (Parar por alguns minutos para que todos se manifestem).

PORQUE QUERO ESTA MUDANÇA?

Todos nós queremos mudar. Mas compartilhar do mesmo desejo não significa que as mudanças, pessoais, profissionais, familiares, grupais e outras aconteçam. Nesse caso, apenas querer não é poder. A vontade é o primeiro passo de um caminho que nem todos conseguem chegar ao final. Isso porque as mudanças exigem o abandono de nossa área de conforto, ou seja, deixar de lado comportamentos e situações com que estamos acostumados, para enfrentar o medo do desconhecido. Assim, a mudança depende de ousadia, a principal qualidade do ser humano que deseja viver, chegar a algum lugar, e não apenas sobreviver.

A mudança exige apenas uma postura positiva, otimista em relação à vida? Não, pois o otimismo é facilmente abalado por interferências externas, fazendo com que o aspirante a mudanças desista na primeira dificuldade. O importante é ser um entusiasta, isto é, dedicar-se ao trabalhoso ato de mudar. Sim, comprometer-se com a conquista de mudanças dá trabalho. Primeiro, porque devemos abandonar padrões estabelecidos por nós mesmos ou por terceiros. Esses padrões agem como verdadeiros decretos que, quando não identificados e enfrentados, nos impedem de crescer. Essas verdades inquestionáveis, como, por exemplo, "sou uma pessoa insegura", "esse trabalho deve ser feito assim, porque sempre deu certo", podem qualquer tipo de ousadia e impedem a compreensão do ciclo da vida e dos fatos, que nos faz substituir as frases "eu sou" e "tal situação é assim" por "eu estou" e "tal situação está assim". Ou seja, tudo o que está pode ser mudado.

Além de querer mudar, é preciso identificar o que precisa ser mudado e a meta a ser alcançada. A continuidade do processo exige entusiasmo e fé na conquista para enfrentar o medo natural que temos do novo. Podemos dizer que o maior inimigo da mudança é o medo, ou seja, superestimar o medo. Pesquisas mostram que cerca de 40% dos receios são provocados por fatos e situações que nunca acontecem e apenas 8% são reais. Essas apreensões imaginárias acabam nos levando a adiar noções, nos tornando eternos teóricos de mudanças. Muitas vezes sabemos o que precisa ser mudado, mas nem todos chegam a agir.

Apesar do medo, provocado por termos certeza do que vai acontecer, devemos agir, fazer, pois nada é definitivo e toda mudança nos conduz ao crescimento.

O Movimento Familiar Cristão é um movimento de vanguarda, isto é, é um movimento inovador. Tem sempre se preocupado com questões relativas ao ser humano, à família, muito antes que outras instituições, sejam de Governo ou mesmo da Igreja.

"O MFC não foi o único, mas sim, o primeiro Movimento que pressionou, na América Latina, para que se visse a necessidade da Pastoral Familiar e sua organização. A presença de alguns de seus membros no Concílio Vaticano II e a seguir na Reunião do CELAM (Conselho Episcopal Latino-americano) de Medellín, como representantes da família latino-americana, foi contribuição valiosa" (EIS O MFC, pág. 10 – tópico 1.3, 3ª edição, 1987).

Como pudemos ver, quando a Igreja no Brasil, ainda não falava em Pastoral Familiar, o nosso Movimento já se preocupava, incentivava, defendia e ajudava a organiza-la na América Latina. Hoje o MFC é um dos grandes colaboradores da Pastoral Familiar da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), no Brasil e em toda a América Latina.

Outra situação, em que o MFC tem desempenhado papel fundamental, apoiando e orientando, é quanto aos casais de segunda união. O nosso Movimento foi um dos pioneiros a acolher em suas fileiras, casais e

famílias nestas condições.

Igualmente as famílias incompletas, encontraram guarida e compreensão em nosso Movimento.

Atualmente o MFC é um dos poucos movimentos que tem compreendido, e tem, não só aberto, mas escancarado suas portas aos padres casados, oferecendo sua acolhida a estas famílias, entendendo que após a desistência do sacerdócio, estes homens, que constituem suas famílias, merecem o nosso apoio e compreensão; mesmo porque, com toda a certeza, Deus está abençoando também estas uniões.

De modo especial, o MFC tem acolhido também aos jovens, oferecendo aos mesmos um tratamento de igualdade, tanto em participação como em discussões decisivas.

As pessoas adultas, sejam os solteiros (as), viúvo (as), tem encontrado em nosso Movimento, uma acolhida muito carinhosa, sendo que participam das Equipes-Base, aproveitando tudo quanto o MFC oferece.

Vale a pena comentar, que o MFC é membro colaborador, e participante ativo do CNL (Conselho Nacional de Leigos). Este Conselho muito tem contribuído com a Igreja no Brasil, oferecendo subsídios laico para todo o episcopado brasileiro.

Merece ser registrado, para seu conhecimento, que o MFC mereceu calorosa aprovação do PAPA, do CELAM (Conselho Episcopal Latino-americano) e, da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

O MFC é uma entidade sem fins lucrativos, declarada de Utilidade Pública pelo Decreto Federal nº 1400 de 26/09/1962, vinculada à Confederação Internacional dos Movimentos Familiares Cristãos, organismo consultivo da ONU (Organização das Nações Unidas), reconhecida pelo Pontifício Conselho para os leigos como associação internacional de fiéis de direito privado, por Decreto de 23/06/1989.

Caros amigos, como vocês podem perceber, participamos de um Movimento muito dinâmico, e totalmente comprometido com o ser humano, na sua mais completa dimensão: a FAMÍLIA.

Portanto, dentro deste Movimento inovador, que renova e se renova a cada instante ("EIS QUE FAÇO NOVA TODAS AS COISAS" – XII ENA – JUIZ DE FORA), o verbo MUDAR é totalmente compreensivo, necessário e cotidiano.

Estejam sempre dispostos e abertos às mudanças, mas atentos e vigilantes para que elas não fujam da origem de nosso Movimento, e sobretudo que elas jamais venham massacrar, oprimir, desorientar, alienar, ou causar qualquer mal às nossas famílias.

Que assim seja, se Deus quiser.

E Ele quer.

Após a leitura e reflexão do texto:

- em nível de Movimento:

**QUE MUDANÇAS PODEMOS SUGERIR?
SÃO MUDANÇAS POSSÍVEIS?
ESTARÁ CONTRIBUINDO PARA UNIR E FAZER CRESCER O
MFC?**

- em nível de equipe-base:

**PARA O BEM ESTAR DE NOSSA EQUIPE-BASE E SEU
CRESCIMENTO, O QUE PODERIA SER MUDADO?
ESTA MUDANÇA, VAI INTERFERIR NEGATIVAMENTE A ALGUM
MEMBRO DA EQUIPE?**

- em nível de família:

**QUE MUDANÇA EU POSSO BUSCAR, PARA MELHORAR O
AMBIENTE FAMILIAR EM MINHA CASA?**

Para encerrar sugerimos que a Equipe-Base, ouça e reflita a canção:

"PRÁ DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES" Geraldo Vandré

MÓDULO Nº. 10

**TEMA: FORMAÇÃO (PARTE I)
(O GRANDE OBJETIVO DO MFC É A FORMAÇÃO. TEMOS
MOMENTOS DE AÇÃO, MAS FORMAR A PESSOA,
TRANSFORMANDO-A EM MULTIPLICADORA DA MENSAGEM DE
JESUS CRISTO, É A NOSSA MAIOR CARACTERÍSTICA)**

Caros amigos, dando prosseguimento ao nosso programa de formação, vamos nesta carta formativa n.10, destacar uma característica (identidade), muito forte do nosso Movimento Familiar Cristão: a **FORMAÇÃO**.

O MFC, é um movimento essencialmente voltado para a formação. É muito interessante e bonito o trabalho desenvolvido pelo MFC em muitas cidades, quando observamos que existe uma preocupação em despertar (nuclear) pessoas do meio da comunidade, sejam casais, jovens ou pessoas solteiras, colocando-as diante de uma realidade diferente da que os meios

de comunicação, ou mesmo o mundo secular querem passar; fazendo-os uma proposta inteligente, pautada no compromisso com a família e voltada para um comprometimento com uma sociedade mais justa e renovada.

A formação, então, é fundamental para que o mefecista possa colocar-se a serviço da comunidade, para realizar seu apostolado e a sua missão, e isso constitui a principal ação do MFC, o seu maior "fazer".

É interessante neste momento destacarmos o objetivo do MFC, para que o nosso compromisso com este movimento seja cada vez mais comprometedor: "O MFC tem por finalidade a humanização, a evangelização, a promoção, a assistência social e a educação da família, capacitando-a para o desenvolvimento dos valores humanos e cristãos para que possa cumprir a sua missão de formadora de pessoas, educadora na fé e promotora do bem comum". Tendo bem definido em nosso conceito de mefecista este objetivo, podemos então concluir que o nosso MFC, e cada membro que o compõe, está comprometido na construção de uma sociedade mais justa, que permita às famílias realizarem plenamente suas funções humanizadoras e evangelizadoras.

Quando nos conscientizamos destas realidades, que são na verdade a luta e a bandeira do MFC, descobrimos, que é necessário e constante o nosso empenho com a FORMAÇÃO. A formação é que nos proporciona crescimento e maturidade para desenvolvermos o nosso trabalho.

A FORMAÇÃO dentro do MFC é um processo: nunca estamos totalmente preparados que não precisamos aprender mais nada, nem aprendemos tudo de uma só vez, que podemos descartar ou transformar as reuniões das Equipes-Base em simples encontros sociais, vamos a cada dia conhecendo e descobrindo novas situações e realidades, e é isto que nos motiva e nos dá força para nos mantermos firmes e perseverantes. Quando perdemos o interesse pela formação, esfriamos e estagnamos.

Vamos parar um pouco e comentar este parágrafo. Que interesse, estamos dando à nossa formação?

Dissemos que a formação é um processo. Como ele acontece?

- PROCESSO DE FORMAÇÃO -

"O MFC, como movimento apostólico de Igreja, pretende motivar, orientar e apoiar seus membros – e todos aqueles a quem possa chegar – para que vivam mais plenamente seu compromisso cristão no mundo.

Considera intransferível o papel da família no processo de formação dos cristãos para uma inserção crítica, fecunda e transformadora da sociedade. Por isso, sua pedagogia está orientada a prepara-la para que possa cumprir de modo eficaz seu papel. Este é o carisma do MFC.

A dinâmica predileta do MFC, cujos bons resultados estão comprovados ao longo de sua história, está centrada na formação de grupos ou Equipes que se reúnem periodicamente em busca de seu desenvolvimento integral. **A vida da Equipe-base é uma riqueza incomparável do MFC.** Nestes grupos as famílias se promovem, crescem como pessoas livres, responsáveis e adultas.

Dentro da vida das Equipes os temários não são o único instrumento de formação, mas devem ser um meio eficaz para suscitar uma reflexão motivadora.

Outras oportunidades privilegiadas que tem o MFC para formar famílias capazes de cumprir sua missão são as que desenvolvem em seus Cursos, Encontros de Formação e momentos de oração e reflexão". (Eis o MFC, pág. 30)

A nossa Equipe-Base vive desta maneira? A Equipe-Base é um "tesouro" do MFC. Temos consciência disto?

A reunião da Equipe-base é parte fundamental deste processo, pois sem ela o estudo fica sem o seu devido aprofundamento. A Equipe-base que não valoriza a reunião como momento forte de formação, em sua grande maioria está fadada, a não ter uma vida profícua, acaba ceifando o verdadeiro intento e objetivo da mesma, e assim cai na monotonia do social, e essa prática, por incrível que possa parecer, não cria compromisso e vínculo no grupo, que desmotivado acaba se desintegrando. Diferente é a Equipe-base que valoriza cada encontro, realizando o estudo, refletindo, procurando aplicar o que estudou, transformando em ações concretas aquilo que a reunião propiciou descobrir.

Como são as nossas reuniões? Encontros de formação ou reuniões sociais?

- OBJETIVOS DA FORMAÇÃO -

A FORMAÇÃO terá os seguintes objetivos:

1- Proporcionar a seus membros em forma progressiva, sistemática e integral e através deles à suas famílias, elementos que promovam o conhecimento, juízo e vivência dos valores humanos e cristãos familiares de modo que **realizem um processo de crescimento pessoal, conjugal, familiar e comunitário que os leve a serem cada vez mais:**

- pessoas cristãs, realizadas, responsáveis, livres e capazes de amar;
- casais integrados e voltados para a problemática total da comunidade onde vivem.

2- Famílias formadoras de pessoas e educadoras na fé, cujos membros sejam fatores de transformação em sua comunidade, capazes de promover as mudanças sociais em formas de convivência mais justa.

3- Evangelização da mensagem cristã e da Igreja de Cristo. O MFC se define como "cristão" e atua para que todos os seus membros sejam cristãos convictos, comprometidos com a doutrina e o ensinamento de Cristo". (Eis o MFC, pág. 26)

A FORMAÇÃO consiste em transmitir à Equipe-base um sólido conhecimento sobre todos os aspectos que envolvem o ser humano, seja no aspecto social, político ou religioso, envolvendo todo tipo de circunstância, já que estamos inseridos neste mundo e dele fazemos parte, porém a nossa condição de Movimento apostólico que se propõe a promover os valores humanos e cristãos da família, exige de nós posturas diferentes do que a sociedade de um modo geral determina, e a diferenciação se faz possível justamente porque a FORMAÇÃO que acontece na Equipe-base, nos transforma, nos faz diferentes, e geralmente nossa análise acontece pela ótica cristã, tendo como referência os princípios cristãos.

Tânia e Tiquinho
(SECRETARIA DE FORMAÇÃO –
CONDIR SUDESTE)
a.feliciano@deltasuper.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

IMPORTANTE

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** um dos envelopes de depósito ou o boleto bancário que lhe for encaminhado

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR** pelo telefax (32) 3218.4239 ou pelo E-mail: livraria.mfc@gmail.com

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago juntamente com os envelopes bancários e/ou boleto para renovação.

5. Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como nosso assinante.